UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP
CURSO DE JORNALISMO

GIOVANNA GREPI

JORNALISMO CIENTÍFICO:

ESTUDO DE CASO DA RÁDIO USP EM RIBEIRÃO PRETO

RIBEIRÃO PRETO
DEZEMBRO/2018

GIOVANNA GREPI

JORNALISMO CIENTÍFICO:

ESTUDO DE CASO DA RÁDIO USP EM RIBEIRÃO PRETO

Monografia apresentada à Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP, como requisito final para obtenção do título de Jornalista sob orientação da Profa. Me. Flávia Cortese Martelli.

RIBEIRÃO PRETO

DEZEMBRO/2018

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de

Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Grepi, Giovanna, 1996 -

G829j Jornalismo científico: estudo de caso da rádio USP em Ribeirão Preto / Giovanna Grepi. – Ribeirão Preto, 2018.

96 f.: il. color.

Orientador: Profa. Me. Flávia Cortese Martelli.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: GREPI, Giovanna

Título do trabalho: **Jornalismo científico: estudo de caso da rádio USP em Ribeirão Preto**

O presente trabalho foi examinado, nesta data, pela Banca Examinadora composta dos seguintes membros:

_____

Prof.(a) Me. Flávia Cortese Martelli (orientadora)

_____

Examinador 1

_____

Examinador 2

NOTA:_____ Ribeirão Preto _____/_____/2018.

AGRADECIMENTOS

Um dia me disseram que gratidão é saber reconhecer os presentes que encontramos na vida. Durante todo o caminho para a conclusão do curso de Jornalismo, pude contar com "pessoas-presentes" que contribuíram de diferentes formas seja para o processo na vida profissional, seja para a construção de quem sou.

Primeiramente, agradeço a Deus por ter colocado essas pessoas no meu caminho para que ajudassem a encarar as dificuldades. Também quero agradecer aos primeiros presentes que ganhei na vida: os meus pais, Neide e Aparecido. Pessoas que não desistiram de mim quando eu era apenas um embrião, quando tenho meus momentos nervosos ou de choro e quando eu tenho os meus sonhos. São eles quem apostam todas as fichas em mim, que me ensinam e motivam a ser uma pessoa melhor e que estão sempre ao meu lado.

Também agradeço aquele que compartilha o mesmo sangue que o meu: Thiago, meu irmão. Aquele que aos 9 anos recebeu uma irmã mais nova que atrapalhava nos jogos de botão e na hora de usar o computador, mas que sempre agiu da melhor forma possível. Para mim, um irmão mais velho é exemplo e você é exatamente isso para mim.

Mas não são apenas esses as "pessoas-presentes" que encontrei no caminho. Por isso, aproveito para agradecer ao meu namorado, Gustavo, por sempre estar presente ao meu lado e por acreditar no meu potencial. As minhas primas Natália e Jacqueline, minha amiga Ana Luiza e minha cunhada Daniele, que em toda a vida escolar e profissional estiveram apoiando. Além de toda família que de alguma forma proporcionou momentos de alegria quando mais precisei.

Não posso deixar de agradecer toda equipe da Comunicação Social da USP em Ribeirão Preto: Rose, Rita, Kaled, Ferraz, Vlad, Mel, Cláudia, Clarice, Fontana e Mário. Eles me receberam de braços abertos e se tornaram agentes mais que fundamentais no processo de aprendizagem. Além dos meus eternos amigos de estágio: Thainan, Lívia e Vitória, que sempre animaram meus almoços. Pessoas que dividi experiências. Ressalto ainda todo o companheirismo e amizade da Rose que me ensinou e ensina tudo o que pode, seja profissional ou para a vida.

Agradeço também aos meus companheiros de sala: Giovanna, Alice, Murilo e Gabriela. Saibam que vocês agregaram a minha vida e fizeram com que alguns fardos ficassem mais leve. Além de todos na sala que contribuíram de alguma forma para os bons momentos em grupo.

Aos professores que dividiram o conhecimento durante esses quatro anos e enriqueceram meu olhar sobre o mundo. Em especial, ao João Flávio e ao Rafael que sempre estiveram disponíveis para direcionar caminhos e oferecer uma palavra de conforto e motivação. Ao Gil, coordenador do curso, que sempre está disposto a ajudar e proporcionar experiências produtivas.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer minha querida orientadora Flávia, que desde o primeiro momento me dizia que iria dar tudo certo. Gratidão por acreditar em mim e no meu trabalho, por entender os momentos de cansaço, por ouvir minhas reclamações e por encorajar e motivar sempre.

Enfim, nós nunca conquistamos nada sozinho. Sempre há pessoas com o coração gigante ao nosso lado!

RESUMO

A ciência é primordial para o desenvolvimento da sociedade e na Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, há grande concentração estudos e pesquisas. Dessa forma, o estudo buscou entender como a ciência é divulgada na Rádio USP, que está no ar há 40 anos. O veículo utiliza matérias, programas, boletins e colunas com professores e pesquisadores da Universidade para levar conhecimento e prestar contas para a população. O trabalho também pode colaborar para o entendimento da divulgação científica e do jornalismo científico, bem como o perfil do jornalista dessa área. Desta forma, a pesquisa utilizará a metodologia da pesquisa bibliográfica, estudo de caso, pesquisa participante e entrevista em profundidade.

Palavras-chave: jornalismo científico, rádio, ciência, Rádio USP, Universidade de São Paulo, jornalismo

ABSTRACT

Science is paramount for the development of society and the University of São Paulo (USP), for example, there is a large scale of studies and research. Thus, the teaching sought to understand the science is disclosed at Radio USP, which is 40 years ago. Aware uses languages, programs, bulletins and columns news and researchs in the University to personal knowledge and printing accounts for the population. The work can also contribute to the understanding of the scientific and scientific dissemination, as well as the profile of the journalist in this area. In this way, a research uses the bibliographic methodology, case study, participant research and in-depth interview.

Keywords: scientific journalism, radio, science, radio USP, University of São Paulo, journalism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fachada do prédio da Comunicação Social da USP em Ribeirão Preto.....36
Figura 2 – Estúdio para gravações da Comunicação Social da USP em Ribeirão Preto.....37
Figura 3 - Estúdio para ao vivo da Comunicação Social da USP em Ribeirão Preto.....37
Figura 4 – Redação da Comunicação Social da USP em Ribeirão Preto.....38

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Programas, colunas e boletins da Rádio USP.....39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12
CAPÍTULO I – A CIÊNCIA E O JORNALISMO.....15
1.1 A ciência no Brasil.....15
1.1.1 CNPq e Capes.....17
1.2 Jornalismo e ciência.....18
1.2.1 Comunicação x Divulgação x Jonralismo.....19
1.2.1 Importância da divulgação.....20
1.3. Jornalismo científico.....21
1.3.1 Linguagem e critérios.....21
1.3.2 Alfabetização científica.....22
1.3.3 Jornalista x Ciência.....23
CAPÍTULO II – RÁDIO NO BRASIL.....25
2.1. História do rádio.....25
2.1.1 Transmissões de rádio no Brasil.....27
2.1.2 As estações brasileiras.....27
2.1.3 Radiojornalismo.....29
2.2 Web rádio.....29
2.3 Redação do texto no radiojornalismo.....30
2.4 Rádio educativa.....31
CAPÍTULO III – RÁDIO USP – ESTUDO DE CASO E ANÁLISE.....35
3.1 Produções da Rádio USP em Ribeirão Preto.....38
3.1.1 Produções em São Paulo e Ribeirão Preto 39
3.1.1.1 Programas da Rádio USP em Ribeirão Preto.....43
3.1.1.2 Colunas da Rádio USP em Ribeirão Preto.....44
3.1.1.3 Boletins da Rádio USP em Ribeirão Preto.....45
3.1.1.4 Matérias jornalísticas da Rádio USP em Ribeirão Preto.....45
3.1.2 Da rádio para o online.....46
3.1.3 Integração entre os campi.....46
3.2 Importância da divulgação da ciência.....47
3.3 Ciência nas produções em Ribeirão Preto.....48

3.3.1 Pesquisas científicas.....49
3.3.2 Aprofundamento de temas do cotidiano.....49
3.4 Pesquisadores e jornalistas.....50
3.5 Desafios da Rádio USP em Ribeirão Preto.....51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....54
REFERÊNCIAS.....57
APÊNDICE A.....60
APÊNDICE B.....92

INTRODUÇÃO

A ciência e a tecnologia são bases para o desenvolvimento de um país. Neste sentido, o Brasil, aumentou sua produção científica desde 1998. Naquele ano, eram 11.839 artigos e cresceu sete vezes mais em vinte anos, segundo levantamento realizado por Marcelo Hermes-Lima da Universidade de Brasília (UnB) com base no banco de dados da Scimago.[1]

Por outro lado, a população brasileira tem interesse na divulgação de ciência e tecnologia. A pesquisa *Ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros: Percepção pública da C&T no Brasil 2015* do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), aponta que 61% se declara interessada e 26%, muito interessada. A enquete, divulgada em 2017, contou com um questionário estruturado com 35 questões principais aplicadas a brasileiros e brasileiras de todas as regiões do Brasil. Os entrevistados tinham 16 anos de idade ou mais e foram entrevistados entre os dias 23 de dezembro de 2014 e 13 de março de 2015.

Com o aumento da produção científica brasileira e também o interesse crescente da população por esse tipo de informação, o trabalho pretende analisar o jornalismo científico com base no que é realizado na Rádio USP, um dos veículos de comunicação da Universidade de São Paulo. Um dado relevante do objeto de estudo desta pesquisa é que a USP é referência em pesquisas, com 20% de toda a produção científica do Brasil.[2]

A USP foi criada em 1934, possui 249 cursos de graduação em todas as áreas do conhecimento em 42 Unidades de Ensino e Pesquisa com mais de 58 mil alunos. Já a pós-graduação é composta por 239 programas com 332 cursos de mestrado e 309 de doutorado com mais de 28 mil matriculados. Os cursos divididos pelo estado de São Paulo entre os campi nas cidades de São Paulo, Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, Santos e São Carlos.

A Rádio USP tem 40 anos de funcionamento e integra as rádios de Ribeirão Preto e de São Paulo, capital. O veículo tem papel importante na divulgação de pesquisas acadêmicas e

---

[1] O dado foi divulgado pelo portal Folha de S. Paulo em outubro de 2017 com o título Brasil aumenta produção científica, mas impacto dos trabalhos diminui. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1927163-brasil-aumenta-procucao-cientifica-mas-impacto-dos-trabalhos-diminui.shtml> Acesso em: 28 mar. 2018.

[2] O dado consta no Relatório Research in Brazil disponibilizado pela Clarivate Analytics à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A informação foi divulgada no site do órgão federal em janeiro de 2018 e depois veiculada no Portal Jornal da USP. Disponível em: <http://jornal.usp.br/universidade/relatorio-confirma-lideranca-da-usp-na-ciencia-brasileira/> Acesso em: 28 mar. 2018.

realiza entrevistas com professores da Universidade. Cerca de seis colunas por dia são gravadas pelos professores além de programas voltados para os trabalhos realizados na USP.

Desta forma, o trabalho buscou entender de que maneira o jornalismo científico realizado na Rádio USP de Ribeirão Preto colabora para a divulgação da ciência e da tecnologia. Assim, o estudo tem como tema *Jornalismo Científico: estudo de caso da Rádio USP em Ribeirão Preto* e busca revelar as formas de propagação da ciência por meio do jornalismo. Além disso, o estudo colabora na divulgação da produção do meio científico e também no entendimento da formação do perfil do jornalista dessa área.

Para isso, foi necessário conhecer como essa vertente do jornalismo é desenvolvida na Rádio USP e identificar a divulgação científica nas colunas, nos boletins, matérias e nos programas: Saúde sem Complicações, USP Analisa, Revoredo e Ambiente é o Meio. Dessa maneira, o trabalho teoriza sobre o jornalismo científico e identifica o interesse sobre ciência e tecnologia da população brasileira. O estudo também constrói uma base histórica sobre a rádio no Brasil, relata o desenvolvimento da produção científica na USP, contextualiza a história da Rádio USP e por fim, analisa a produção na Rádio USP Ribeirão.

Por essa razão, a metodologia escolhida para o trabalho é o estudo de caso. Para Yin (2005, p. 32), a definição do é "uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos". Ele afirma que a característica desta metodologia envolve responder perguntas com "como" e "por que" e compreende a definição do problema, delineamento da pesquisa, coleta de dados, análise de dados e composição e apresentação de resultados. Esses itens fazem parte das fases da pesquisa que estão inseridas no projeto. Desta forma, o estudo de caso da Rádio USP analisou os seguintes programas, boletins, matérias e colunas que integram as Rádios USP de Ribeirão Preto e São Paulo.

Para Bruyne, Herman e Schoutheete (1991 apud DUARTE; BARROS, 2012), o estudo de caso é definido como uma análise intensiva que inclui muitas e detalhadas informações com o uso de técnicas como observação, entrevista e documentos. Além dos autores, Yin (2005, p. 27) também afirma que é necessário "capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações".

Desta maneira, o trabalho também envolve a entrevista em profundidade com os jornalistas e professores da Universidade que produzem e realizam os programas e as colunas da Rádio USP.

> É um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte,

> selecionada por deter informações que se deseja conhecer. (DUARTE, J. In: DUARTE, Jorge; BARROS, 2012, p. 62)

Ainda segundo o autor, a metodologia não aborda aspectos estatístico, mas busca compreender "como" é a visão e as experiências vividas pelos entrevistados. "Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema". (DUARTE, 2012, p. 63)

No trabalho, a melhor ferramenta é a entrevista aberta para explorar detalhes e vivências dos jornalistas e professores responsáveis pelos programas e colunas. Para Duarte, (2012), a entrevista deve ser aprofundada de acordo com as respostas do entrevistado que responde segundo seus próprios conceitos a partir da sua linguagem, realidade e experiência. Outro método utilizado é a pesquisa bibliográfica.

> Esse método é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. (STUMPF In: DUARTE; BARROS, 2012, p. 51)

Segundo a autora (2012), a consulta à literatura auxilia desde o processo de escolha da temática do estudo até a conclusão. Essa metodologia permite que o pesquisador encontre todas as informações já publicadas e, assim, conhece o que ainda pode ser pesquisado.

A pesquisa bibliográfica pode incluir livros, teses, dissertações e portais, por exemplo. Depois do material escolhido, o pesquisador anota trechos importantes que chamamos de fichamento. Por fim, é preciso escrever um resumo com os pontos mais importantes e com as opiniões e observações pessoais.

O estudo de caso escolhido para trabalho é a Rádio USP Ribeirão Preto que também é o local de estágio desta pesquisadora desde maio de 2016 até maio de 2018. Dessa forma, a metodologia complementar que será utilizada é a pesquisa participante. Para Peruzzo (2012), esse método consiste na inserção e interação do pesquisador no ambiente de estudo. Sendo assim, o trabalho se apoia nas metodologias do estudo de caso, entrevista em profundidade, pesquisa bibliográfica e pesquisa participante.

CAPÍTULO I – A CIÊNCIA E O JORNALISMO

De acordo com Bueno (2014), o número de pesquisadores e de doutores nas grandes áreas de pesquisa cresceu significativamente na primeira década de 2000. O pesquisador utiliza indicadores de pesquisa do CNPq relativos aos censos de 2000 a 2010.

Ainda segundo Bueno (2014), o número de pesquisadores passou de 48.781 para 128.892 nesse período e o de doutores de 27.662 para 81.726, utilizando o total para as diversas áreas. Além disso, o número de grupos de pesquisa aumentou de 11.760 para 27.523 no mesmo período.

Para o pesquisador (2014), é importante destacar o grande aumento na área das Ciências Sociais Aplicadas que tinha 4.408 pesquisadores em 2000 e passou para 18.579 em 2010. Já o de doutores, de 1.948 para 9.720 e grupos de pesquisa, de 930 a 3.438.

No Brasil, segundo a pesquisadora De Oliveira (2002), é possível relacionar o atraso científico e tecnológico com a colonização, que foi voltada para a exploração.

> A pesquisa científica no Brasil era incipiente até o século XIX e só começou a mostrar alguma força a partir do final desse século, quando a comunidade científica começou a organizar-se. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 28)

1.1 A ciência no Brasil

As universidades e instituições de ensino recebem apoio de órgãos para a pesquisa científica e tecnológica no Brasil. As fundações de amparo são ligadas ao Ministério da Ciência e Tecnologia e secretarias estaduais. Por exemplo, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

O fomento também é respaldado pelas Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPs) como, por exemplo, a FAPESP no estado de São Paulo e a FAPEMIG em Minas Gerais. Segundo o Governo do Brasil (2010), as entidades atuam nos eixos de pesquisa com o financiamento de projetos; a formação de pesquisadores por concessão de bolsas em todos os níveis de formação; a inovação com programas e editais que une o pesquisador às empresas; e "o último é a divulgação, ou seja, levar para a sociedade os resultados alcançados por esses trabalhos. " Dessa forma, além de incentivar, o Governo Federal também propõe a divulgação de todo o material da pesquisa científica e tecnológica produzida por pesquisadores brasileiros.

Uma das primeiras ações voltadas para o incentivo à C&T foi a criação, em 1948, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Atualmente, a SBPC reúne todas as sociedades científicas do país. Segundo De Oliveira (2002, p.29), a Sociedade "tornou-se respeitada e conhecida ao longo de seus mais de 50 anos de história, criando tradição de trincheira de resistência, notadamente durante o governo militar da década de 1960 à de 1970."

A fundação da SBPC foi realizada por um grupo de cientistas ao inspirar-se em modelos já existentes em outros países do mundo. Apesar da necessidade de assumir uma postura de resistência durante o governo militar (1964 – 1984), a Sociedade se manifestou contra perseguições a professores, pesquisadores e estudantes, e contra a interferências na educação e na ciência. Entretanto, foi neste mesmo período que viu salto do desenvolvimento científico e tecnológico, com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), criada em 1972, e a Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer), criada em 1971.

> O regime militar do período 1964-1984 deu grande impulso ao desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro. A doutrina nacionalista do então governo militar articulava grandes projetos tecnológicos que, pensava-se, poderiam levar o país a ser soberano e independente. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 30)

Ainda durante o governo militar, a Sociedade lançou a revista Ciência Hoje, em 1982, e depois, em 1987, o Jornal da Ciência. Eles marcaram a história sendo canais de comunicação entre a ciência e a população. Também durante a década de 1980, foi criado o atual Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCT&I), em 1985; além dos programas de pós-graduação, instituições de pesquisa e desenvolvimento, e as fundações de amparo à pesquisa.

Para Bueno (2014), a pesquisa possui um papel fundamental para a universidade, pois auxilia no desenvolvimento da ciência e alavanca o potencial de inovação, "mas promove a atualização do conhecimento gerado internamente e disseminado para os alunos e para a sociedade de maneira geral." (BUENO, 2014, p. 2 e 3)

> Uma nação que não esteja comprometida efetivamente com a geração de novos conhecimentos científicos e capacitada para desenvolver aplicações tecnológicas identificadas com as suas demandas vê ameaçada a sua soberania e está fadada a ocupar lugar subalterno em um mundo onde as vantagens competitivas estão firmemente associadas à produção científica e tecnológica. (BUENO, 2014, p. 3)

1.1.1 CNPq e Capes

O ano de 1951 foi um marco no incentivo à pesquisa. Afinal, o governo federal criou organizações como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

> A criação do Conselho Nacional de Pesquisas, CNPq, em janeiro de 1951, representou o primeiro esforço significativo nacional de regulamentar a ciência e a tecnologia no país. Durante mais de três décadas, até a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) em 1985, o CNPq foi o principal órgão responsável pelas ações de C&T empreendidas pelo governo federal. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 29)

A autora (2002) ainda revela que o CNPq nasceu diretamente subordinado ao presidente da República e tinha como intuito promover e estimular o desenvolvimento da investigação de C&T em qualquer área do conhecimento.

> Em 1974, o CNPq passou de autarquia a fundação, com o novo nome de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República (Seplan/PR), em 1985 passou a subordinar-se ao MCT. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 29)

A década de 1990 foi um ano de transformações para o CNPq, porque passou diversas funções para o então MCT, Ministério da Ciência e Tecnologia. Por isso, foi instituto em 1995 a missão de estimular o desenvolvimento científico e tecnológico e promover pesquisas necessárias ao progresso social, econômico e cultural do País.

Na mesma década, foi criado a plataforma Lattes, que compreende um padrão nacional de currículos, e o Diretório dos Grupos de Pesquisa, que é uma base de dados censitárias e correntes de informações sobre grupos de pesquisa em atividade no Brasil.

Já a Capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação do Ministério da Educação (MEC), atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu. Em 1965, por exemplo, 27 cursos foram classificados no nível de mestrado e 11 no de doutorado, totalizando 38 no país.

Após 57 anos, foi criada a Nova Capes pelo Congresso Nacional aprova por unanimidade a Lei no 11.502/2007, homologada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Além de coordenar o sistema nacional de pós-graduação, induz e fomenta a formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

1.2 Jornalismo e ciência

Uma questão fundamental para entender o processo de desenvolvimento do jornalismo científico é compreender como e quando ele começou. Segundo De Oliveira (2002), existem sinais importantes de que a divulgação científica começou com o advento da imprensa nos meios móveis, no século XV.

> Os livros de história da ciência dão como certo que a difusão da impressão na Europa nessa época acelerou a criação de uma comunidade de cientistas, fazendo com que as ideias e ilustrações científicas se tornassem disponíveis a grande número de pessoas. Mas é claro que esse número restringia-se ainda à pequena camada letrada das sociedades de então: representantes do clero, da nobreza e da burguesia mercantilista que começava a se espalhar por toda a Europa. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 17)

A autora (2002) ainda relata que em 1609 surgia os primeiros com periodicidade regular na Alemanha e, em 1610, o astrônomo Galileu Galilei publicou o livro *Mensageiro Celeste*. Neste livro, o italiano relata sua descoberta e observações das três luas de Júpiter em linguagem coloquial.

> A cultura científica que tomaria conta da Europa iluminista nos posteriores séculos XVIII e XIX foi bastante inspirada pelas conquistas das gerações anteriores de cientistas europeus revolucionários, como Galileu, René Descartes e Isaac Newton. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 18)

De Oliveira (2002) ainda afirma que as duas guerras mundiais também auxiliaram o avanço do jornalismo científico. Afinal, o período foi marcado por rápido desenvolvimento do setor bélico, por exemplo. Assim, jornalistas criaram as primeiras associações de jornalismo científico para interpretar o conhecimento investido nas novas tecnologias.

Entretanto, um grande marco para o jornalismo científico no Brasil foi a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), em 1977. Em seguida, na década de 1980, surgiram as revistas Ciência Hoje da SBPC, Ciência Ilustrada da Editora Abril, Globo Ciência da Editora Globo e a Superinteressante da Editora Abril. Na televisão, o destaque foi para o Globo Ciência da TV Globo e a Estação Ciência da TV Manchete.

Para De Oliveira (2002), eventos na década de 1980 como o cometa Halley, a supernova de Shelton, a supercondutividade e o anúncio não confirmado da fusão a frio, as viagens espaciais e as questões ambientais permitiram que a população olhasse para o assunto. Assim, com a Rio 92, em 1992, muitos jornais já possuíam editorias de C&T.

> No início dos anos 90, as editorias dos grandes jornais estavam se estruturando e abrindo cada vez mais espaço para a produção jornalística nas áreas científicas e

> tecnológica, apesar de, na maioria das vezes, privilegiarem material de conteúdo internacional, sobretudo de fontes americanas de notícias. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 39)

Além disso, De Oliveira (2002) destaca que as assessorias de imprensa das universidades, instituições de pesquisas e agências de fomento à pesquisa começaram pensar e produzir informativos, jornais e revistas.

> O jornalismo científico, se for possível a analogia, mal saiu da fase romântica, resvala muitas vezes no denuncismo e no alarmismo sem fundamento e é incapaz de análises e exposição de contrapontos (tão necessário ao bom jornalismo), como de resto já é corrente na prática do jornalismo econômico e política. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 39)

1.2.1 Comunicação x Divulgação x Jornalismo

Um dos principais motivos em divulgar a ciência e tecnologia para a sociedade é, segundo De Oliveira (1998), é o direito à informação destacado na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Mas, afinal, o que é o jornalismo científico? Já que existem muitos termos que se referem às diversas modalidades.

> Embora os conceitos exibam características comuns, visto que ambos se reportam à difusão de informações em ciência, tecnologia e inovação (CT&I), eles pressupõem, em sua práxis, aspectos bastante distintos e que necessitam ser enunciados. Incluem-se, entre eles, o perfil do público, o nível de discurso, a natureza dos canais ou ambientes utilizados para sua veiculação e a intenção explícita de cada processo em particular. (BUENO, 2010, p.2)

De acordo com Bueno (2014), a comunicação científica, por exemplo, é a produção e circulação de informação realizada entre os próprios pesquisadores. Portanto, carrega uma linguagem especializada para os especialistas no assunto como a linguagem empregada às revistas que divulgam novas pesquisas.

Sobre a divulgação científica, Bueno (2014) ressalta que tem como público-alvo a sociedade como um todo, ou seja, o público leigo. Assim, para que a comunicação seja efetiva, é preciso tornar a linguagem especializada em não especializada para que haja entendimento daqueles que não possuem conhecimento técnico sobre o assunto. Além disso, a divulgação científica pode recorrer à uma gama maior de meios como cartilhas, palestras e livros.

> A divulgação científica pode contemplar audiência bastante ampla e heterogênea, como no caso de programas veiculados na TV aberta brasileira, que potencialmente atingem milhões de telespectadores. Porém, também pode estar circunscrita a um grupo menor de pessoas, como no caso de palestras voltadas para o público leigo, com

> audiência restrita em função da própria capacidade do ambiente em que elas se realizam. (BUENO, 2010, p. 4)

Assim como na divulgação científica, o jornalismo científico também é focado no público leigo, "mas apresenta uma especificidade: é fruto do processo de produção jornalística". (BUENO, 2014, p. 6). Além disso, o pesquisador afirma que essa modalidade se manifesta nos meios de comunicação de massa como revista, jornal impresso, televisão, rádio e portais.

1.2.2 Importância da divulgação

A universidade possui três pilares: o ensino, a pesquisa e a extensão. O primeiro refere-se à formação dos futuros profissionais e o segundo a investigação em diversas áreas do conhecimento.

> A extensão reporta-se a ações e projetos institucionais voltados para a inserção social, à prestação de serviços à comunidade e, inclusive, ao trabalho de disseminação para o público não especializado da produção científica desenvolvida internamente. (BUENO, 2014, p. 2)

Neste sentido, para De Amorim e Massarani (2008), o jornalismo científico também possui um importante papel na disseminação do conhecimento, porque o ensino formal é insuficiente muitas vezes.

De Oliveira (1998) também aponta a questão da fragilidade socioeconômica do país como um argumento para importância da divulgação da ciência e da tecnologia. Além disso, é uma forma de justificar a produção do trabalho de pesquisa.

Outro fator exposto por De Oliveira (1998), está que o desenvolvimento de C&T de um país pode estar diretamente relacionado à qualidade de vida da sociedade.

> A divulgação científica aproxima o cidadão comum dos benefícios que ele tem o direito de reivindicar para a melhoria do bem-estar social. Ela pode contribuir também para a visão mais clara da realidade ao contrapor-se aos aspectos característicos de uma cultura pouco desenvolvida, ainda contaminada por superstições e crenças que impedem as pessoas de localizar com clareza as verdadeiras causas e os efeitos dos problemas que enfrentam na vida cotidiana. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 14)

Para De Oliveira (1998) a maior parte de investimentos em pesquisa científica sai dos cofres públicos e, por isso, a sociedade contribui, e deve portanto, ter o direito de receber os benefícios para qual contribuiu financeiramente.

1.3 Jornalismo científico

Segundo Bertolli Filho (2006), o jornalismo científico é um gênero jornalístico, por isso, defende que assim como qualquer outro gênero, necessita de procedimentos rotineiros assim como qualquer outro. Por exemplo, conversar com as fontes, checar informações e transformar um discurso em um texto de fácil compreensão.

> Tais elementos delimitam o que aqui se entende por jornalismo científico: um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano lingüístico, por uma operação que torna fluída a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado. (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 3)

Sobre a produção acadêmica nesta área, De Oliveira (2002) revela que só teve início com a tese de doutorado do jornalista Wilson da Costa Bueno, em 1987. A pesquisa intitulada *Jornalismo Científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente* foi defendida na Escola de Comunicações e Artes da USP em São Paulo.

1.3.1 Linguagem e critérios

Desta forma, uma das questões envolvidas neste gênero jornalístico é a linguagem. Afinal, o jornalista é um tradutor da informação especializada para o público leigo? Para Bueno (2010), a fonte de informação que vem do cientista, do pesquisador ou do centro de produção como as universidades, empresas e institutos de pesquisa, sofrem a interferência do jornalista ou do divulgador e do tipo de mídia que será divulgado. “Habitualmente, tal mediação costuma aumentar o nível de ruídos na interação com o público, comprometendo, inclusive, a qualidade da informação, porque, pelo menos no caso brasileiro, alguns fatores intervêm nesse processo.” (BUENO, 2010, p. 4)

O pesquisador (2010) ainda aborda que um dos problemas relacionados à linguagem do jornalismo científico é que o jornalista ou divulgador muitas vezes não tem capacitação para realizar o processo de produção jornalística. Assim, muitas vezes acontece a espetacularização da notícia, pois busca a audiência e não a precisão na passagem do conhecimento.

> Pesquisadores ou cientistas têm restrições importantes ao esforço de popularização da ciência que se respalda no sensacionalismo e, sobretudo, evidenciam sua contrariedade quando são surpreendidos pela alteração comprometedora de suas declarações à imprensa. (BUENO, 2010, p. 5)

Bertolli Filho (2006) aponta que um outro problema da linguagem é que o divulgador não conhece o público para qual ele informa. Por isso, pode considerar que ele tenha a mesma capacidade de entendimento que o locutor ou alguém que não possui nenhuma capacidade de entendimento.

O pesquisador (2006) ainda destaca critérios indicados pelos jornalistas e pesquisadores Hiller Krieghbaum, Warren Burkett e Alton Blakeslee para a produção da notícia científica. O primeiro critério apontado é o senso de oportunidade que consiste em resgatar o interesse por um tema antigo que possui alguma novidade ou "deixou de ser sigiloso". Outro ponto é o timing que "ocorre quando um evento externo aos novos acontecimentos científicos chama a atenção do público" (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 6). Também citado, o impacto é um critério que acontece quando um tema não tem novidades, mas pode chamar a atenção da sociedade e é muito comum com assuntos relacionados à saúde. O significado, por exemplo, acontece quando a equipe jornalística percebe que uma pesquisa tem relevância científica e/ou social. Já o pioneirismo acontece quando há uma novidade em uma descoberta que muda os rumos da ciência e que despertará o interesse do público.

Outro ponto é o interesse humano, quando o jornalismo científico consegue despertar as emoções humanas para informar e incentivar aos bons hábitos. O critério de personagens célebres ou de ampla exposição na mídia são aqueles que possuem entrevista com autoridades cientificas, os profissionais de grande prestígio.

A proximidade também é um fator listado por Bertolli Filho (2006), que consiste em temas que estão próximos ao público, pois assim aumenta a possibilidade do interesse pela matéria. Já variedade e equilíbrio apontam para o destaque em diversas áreas do conhecimento. O conflito também gera interesse da população, por exemplo com temas que causam divergências entre os pesquisadores. A necessidade de sobrevivência também é um critério e são matérias que se referem a temas importantes para a qualidade de vida. Também a necessidade cultural que é por temas que englobam estilo de vida e a necessidade de conhecimento que é o impulso humano em se interessar por temáticas da ciência.

> Claro está que a maior parte dos tópicos aqui discriminados constitui-se em estratégias comuns a toda prática jornalística, de cunho científico ou não. Além disto, muito outros fatores poderiam se relacionados, apesar de considerar-se os mencionados como sendo os mais destacados. (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 7 e 8)

1.3.2 Alfabetização científica

De acordo com Bueno (2010), divulgar a ciência é uma função primordial por permitir a democratização, do acesso ao conhecimento científico e, também, as condições para a alfabetização científica.

Dessa forma, Bueno (2010) ressalta que é a partir da divulgação científica que o público leigo pode entender, pelo menos um pouco, sobre as descobertas e o progresso do mundo que vive.

> A alfabetização científica deve, portanto, fugir da concepção presenteísta e reducionista de ciência, ainda nas palavras do autor supra. Isto significa que ela não pode se limitar à enunciação do que acontece no presente, mas contextualizar dados, fatos e resultados de pesquisa de modo a garantir sua temporalidade, o desvelamento de intenções e de oportunidades para sua produção e aplicação. (BUENO, 2010, p. 8)

Por isso, Bueno (2010) defende que a alfabetização científica deve aproximar o cidadão da ciência. Mais do que isso, abrir o diálogo entre ambos, convocando as pessoas para debates sobre a relação entre ciência e sociedade, ciência e mercado, ciência e democracia.

Por outro lado, Bertolli Filho (2006) aponta que o analfabetismo científico é uma realidade entre os jornalistas. O autor (2006) ressalta que este é um percalço para os jornalistas que trabalham com jornalismo científico. Afinal, muitos recém-formados são utilizados para realizar matérias com conteúdo de ciência e o que pode levar a reprodução sem criticidade sobre os temas.

> São comuns os registros que versam sobre o escasso empenho das universidades em prepararem os estudantes para a militância na área da divulgação científica. O jornalista não foge a esta regra e, se é comum invocar-se o despreparo do público para entender os fatos e os conceitos empregados pelos cientistas, é necessário se ressaltar que os próprios profissionais da comunicação tendem a demonstrar o mesmo ou até superior (des)conhecimento. (BERTOLLI FILHO, 2006, p, 9)

1.3.3 Jornalista x Cientista

O confronto entre o jornalista e o cientista/pesquisador também é um tema recorrente nas publicações sobre jornalismo científico. Afinal, é comum ouvir dos pesquisadores que os jornalistas não possuem conhecimentos básicos, que tomam muito tempo e que a mídia reproduz depoimentos distorcidos. Por outro lado, os jornalistas reclamam que é difícil o agendamento de entrevistas com os cientistas, que sempre utilizam explicações complexas e com termos científicos que não são explicados. (BERTOLLI FILHO, 2006)

> Pode-se assim afirmar que existe um conflito político-cultural básico entre os cientistas e os jornalistas; enquanto os produtores do saber científico e de suas implicações tecnológicas são regidos por uma "paixão" pela descoberta e pela elaboração de produtos de alta complexidade, os comunicadores tendem a postar-se de forma reticente, buscando avaliar as consequências políticas, econômicas, sociais e culturais dos "avanços" da ciência e da tecnologia. (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 14)

Entretanto, Bertolli Filho (2006) revela que para minimizar os impactos causados por esses conflitos na comunicação algumas instituições buscam preparar os profissionais para que eles sejam capacitados por especialização, por exemplo, na Universidade Estadual Paulista, a UNESP, realizou um minicurso para orientar professores e funcionários sobre como se relacionar com os jornalistas, criando um manual.

Desta forma, o jornalismo científico é realizado em diversas mídias. Entre as revistas estão a Ciência Hoje, Galileu e Superinteressante; no online está o portal Nossa Ciência; e no YouTube com o Você sabia? e o Ciência Todo Dia. Outro meio bem utilizado é a rádio, que é o objeto de estudo deste trabalho e que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO II - RÁDIO NO BRASIL

Como o objeto de estudo deste trabalho é uma rádio educativa que divulga ciência, o capítulo II aborda o perfil histórico do veículo rádio, e desta forma, busca-se compreender como jornalismo passou a utilizá-lo e onde estão inseridas as rádios educativas na história do surgimento radiojornalismo.

Landell e Marconi são os nomes citados pela literatura como os inventores do rádio, este aparelho que tem como função comunicar. Para Jung (2004, p.18), "comunicar é tornar comum, ligar e unir, entre tantos outros sentidos encontrados nos dicionários". Este meio de comunicação, que utiliza apenas a voz como recurso, permite que o ouvinte continue suas tarefas diárias ao ouvi-lo como, por exemplo, ao dirigir um automóvel, fazer serviços domésticos ou até praticar atividades físicas. E foi assim que o rádio conquistou o público no Brasil e em todo mundo.

No Brasil, segundo a pesquisa *Mídias Dados 2017 e MDi* do Grupo da Mídia São Paulo[3], que traz informações sobre o consumo de todos os meios de comunicação por 27 anos, aponta que na região Sudeste há 2.077 emissoras entre AM e FM; no Sul são 1.797; no Centro-Oeste são 598; no Nordeste são 1.482; e no Norte 692. Além disso, os ouvintes são compostos de 49% de homens e 51% de mulheres. De acordo com a classe econômica, a A tem 4% do público, B1 tem 7%, B2 tem 21%, C1 tem 25%, C2 tem 25% e D e E 18%.

Já na classificação por faixa etária, o maior público concentra-se entre os 20 e 29 anos com 22% da audiência. Seguido por pessoas entre 30 e 39 anos com 20%; depois, de 50 a 64 anos com 18% e 40 a 49 anos com 17%. A menor penetração do rádio está entre crianças de 10 a 14 anos com 7% e depois com as faixas de 15 a 19 e maiores de 65 anos com 8%.

2.1 História do rádio

> Do telégrafo, termo que surgiu no fim do século XVIII à telefonia, já no século XIX, muitos avanços levaram à radiodifusão. Estudos sobre a eletricidade e suas características se somaram até chegar ao aparelho que, atualmente, existe na casa da maioria dos brasileiros nos carros, também. (JUNG, 2004, p. 23)

[3] O levantamento é do Grupo de Mídia de São Paulo e é chamado de Mídias Dados 2017 e MDi. A edição resgata o histórico de 27 anos de informação sobre todas as mídias. Na edição de 2017, a publicação traz dados sobre a penetração de cada meio de comunicação como, por exemplo, TV, rádio e impresso. Disponível em: <https://www.gm.org.br/midiadados> Acesso em: 19 mai. 2018.

Na literatura sobre a criação do rádio a maioria se refere a Marconi[4] como o grande inventor do rádio. Entretanto, livros e pesquisas também consideram Landell[5] como criador deste veículo por suas experiências com a transmissão e a recepção de sinais com ondas hertzianas no Brasil, segundo Santiago e Rezende (2004). Prado (2012, p. 27) conta que Landell "foi o pioneiro na transmissão à distância, sem fios, da voz humana, por meio de ondas eletromagnéticas."

As primeiras experiências de Roberto Landell de Moura aconteceram nos anos de 1892 e 1893 em Campinas e São Paulo. "A mais conhecida foi a primeira transmissão com voz humana por meio de ondas eletromagnéticas. Essa experiência ocorreu em São Paulo, entre o Alto Santana e a Avenida Paulista, e foi noticiada pela imprensa, como o jornal "O Estado de S. Paulo". (PRADO, 2012, p. 34)

Assim, ainda para autora (2012), o cientista e padre, Landell, conseguiu em março de 1900 a Carta Patente de número 3.279 que descrevia ser um aparelho destinado à transmissão fonética à distância. Mas, sem apoio, o brasileiro foi embora do país.

> Decidiu ir para os Estados Unidos e, em 1904, o "The Patent Office at Washington" concedeu-lheu três cartas patentes: para o telégrafo sem fio (nº775.846); para o telefone sem fio (nº775.337); e para o transmissor de ondas sonoras (nº771.917). Após a concessão das patentes, Landell recebeu propostas interessantes de empresários norte-americanos, mas não se interessou por nenhuma delas e voltou para o Brasil. (PRADO, 2012, p. 34)

Mas para o professor Luiz Maranhão Filho (1998, p.6 apud SANTIAGO; REZENDE, 2004, p. 21), a primeira experiência de radiodifusão no país foi realizada em Recife por um grupo de pesquisadores pernambucanos, "à frente Oscar Dubeux Pinto, Augusto Pereira e Tito Xavier, no ano de 1919".

De acordo com Prado (2012, p. 27), Marconi "conseguiu a transmissão de sinais telegráficos, sem fios, em código Morse, denominado radiotelegrafia. No início do século XX, [Marconi] conseguiu a transmissão com voz humana.". Além disso, Prado (2012) considera que ambos, Landell e Marconi, contribuíram para a comunicação de massa e que não tiveram apoio das autoridades de seus países para a pesquisa radiofônica.

---

[4] Guglielmo Marconi foi um cientista italiano que nasceu em 1874 e morreu em 1937.

[5] Roberto Landell de Moura era um padre e cientista brasileiro nascido em Porto Alegre (RS). Nasceu em 1861 e morreu aos 67 anos em 30 de junho de 1928.

2.1.1 Transmissões de rádio no Brasil

No Brasil, a primeira transmissão oficial de rádio foi feita durante a comemoração do centenário da Proclamação da Independência do Brasil em 7 de setembro de 1922.

> Essa primeira transmissão foi o discurso do presidente Epitácio Pessoa, veiculado para os visitantes de uma grande feira internacional, a Exposição do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro. O evento reuniu pessoas ilustres, como o príncipe Alberto, da Bélgica, que ouviram o discurso por meio de alto-falantes espalhados no local. (PRADO, 2012, p. 50)

Para o evento, conta Prato (2012, p. 51), foi instalado no morro do Corcovado uma estação de 500 watts que permitiu a transmissão para Niterói e Petrópolis, no Rio de Janeiro, e também na cidade de São Paulo (SP). "Houve, ainda, a importação de 80 receptores de rádio especialmente para a data, sendo que alguns foram instalados em praças pública dessas cidades." (PRADO, 2012, p. 51). Depois do discurso do presidente Epitácio Pessoa, convidados e o público, que estava no local, ouviram a ópera "O Guarani" de Carlos Gomes transmitida do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. (PRADO, 2012).

Santiago e Rezende (2004, p. 22) relatam que as festividades do centenário geraram interesse da população pelas inovações da tecnologia eletrônica. "A *estação* SPC, com potência de 500 watts e torre no alto do morro do Corcovado, foi instalada pela *Westinghouse Eletric* e ficou conhecida como *Corcovado*.

As inovações tecnológicas que marcaram a história do início deste meio de comunicação aconteceram na década de 1950, segundo Nair Prata (2007 apud PRADO, 2012). A novidade foi o transistor que permitiu que o aparelho não precisasse de fios e tomadas para funcionar.

> Proporcionando a criação de uma nova linguagem, apropriada para um veículo com alta mobilidade, que acompanhava o ouvinte onde quer que ele estivesse. Assim, a partir do transistor, o público pressuposto do rádio passou a ser um ouvinte móvel, o que não acontecia anteriormente quando as famílias se reuniam na sala ao redor de um garboso aparelho. (PRADO, 2012, p. 215 - 216)

2.1.2 As estações brasileiras

No início, as primeiras estações de rádio eram empreendimentos de grupos que se reuniam em Clubes ou Sociedades. Além disso, eram mais voltadas para a diversão dos membros dessas entidades do que para a população geral. (SANTIAGO; REZENDE, 2004, p. 25).

> Nessa fase de implantação, as estações de rádio não tinham caráter comercial, mesmo porque os anúncios não eram permitidos oficialmente. Elas eram mantidas, através das mensalidades pagas pelos sócios, doações de entidades privadas ou públicas e do dinheiro arrecadado com palestras e eventos sociais. Os diretores e funcionários não pagavam mensalidades, uma vez que exerciam atividades diversas na rádio sem remuneração, seja emprestando discos, escrevendo textos, recitando, cantando e divulgando a programação. (SANTIADO; REZENDE, 2004, p. 25)

Na história nacional, Ribeirão Preto se destaca por sediar a primeira rádio do interior do Brasil.

> A *Radio Club de Ribeirão Preto* é a primeira emissora do interior do Brasil e a sétima emissora a entrar em operação no país, ficando atrás das rádios: Clube de Pernambuco, Sociedade do Rio de Janeiro, Sociedade Educadora Paulista, Sociedade da Bahia, *Club Paranaense* e *Club do Brasil*, do Rio de Janeiro. (SANTIADO; REZENDE, 2004, p. 29)

Nas primeiras estações, para Jung (2004), o rádio possuía um público restrito de alto poder aquisitivo e gosto refinado. Em seguida, com a boa qualidade do som da rádio FM, tornou-se um espaço para a música erudita. Prado (2012) ressalta que na década de 1930, o rádio tomava outro rumo com o surgimento de muitas emissoras no país. Em 22 de julho de 1935 surge o programa "A voz do Brasil", um programa nacional veiculado em todas as 50 rádios do país.

> Nos anos 1930, o rádio já era uma poderosa ferramenta midiática, devido ao seu alcance e à popularidade do aparelho. A criação desse programa está relacionada à política. Idealizado por um amigo de infância do então presidente Getúlio Vargas, O "programa Nacional" tinha por objetivo "propagandear as realizações do governo federal", conforme explica o site. Sua obrigatoriedade veio em 1939, quando o país vivia a ditadura do estado Novo e passou a se chamar "A hora do Brasil". O nome "A voz do Brasil" só surgiu durante a ditadura militar. (PRADO, 2012, p. 99)

Este programa de rádio é mais antigo que está no ar até os dias de atuais e, por transmitir informações oficiais da República, também pauta outros meios de comunicação. Com uma hora de duração diariamente, das 19 horas às 20 horas, reúne informações sobre os três poderes.

O período, entre os anos de 1964 e 1985, em que os militares comandaram o destino do Brasil também influenciou o caminho do rádio no país. Jung (2004, p. 45) afirma que os militares enxergaram "na frequência modulada a ferramenta necessária para a estratégia política de integrar e desenvolver o país, além de restringir o crescimento das emissoras AM.".

2.1.3 Radiojornalismo

As primeiras experiências com o jornalismo foram com o impresso. Assim, no rádio a linguagem utilizada nas informações não era produzida especialmente para esse veículo. Os radialistas, nos primórdios do meio, liam as notícias que eram produzidas nos jornais impressos.

Prado (2012) conta que uma centena de emissoras surgem entre o final da década de 1920 e os anos de 1930, e foram responsáveis pela consolidação do papel da radiodifusão no país.

> O radiojornalismo, os programas humorísticos e musicais, as primeiras novelas e as transmissões esportivas, algumas delas feitas com arrojo e talento pelos pioneiros, numa época em que as condições técnicas eram as mais precárias possíveis: tudo isso dá à radiodifusão sonora uma posição de destaque crescente na vida brasileira. (PRADO, 2012, p. 166 e 167)

Para Jung (2004), a primeira emissora a fazer jornalismo na rádio FM foi a CBN. A transmissão foi experimental e aconteceu na década de 1990 e ganhou a confiança do público e dos anunciantes. Já a primeira síntese noticiosa do país aconteceu entre 1941 e 1968, o Repórter Esso. O programa ficou conhecido pela famosa frase "Testemunha ocular da história".

> O jornalístico patrocinado pela Standard Oil New Jersey (Esso), idealizado pela agência de publicidade McCann Erickson, produzido pela United Press Associations (UPA) e veiculado no Brasil pela Rádio Nacional teve como principal função histórica implantar, no rádio brasileiro, uma série de padrões estilísticos do jornalismo de rádio: o lide, a objetividade, a exatidão, o texto sucinto, a pontualidade, a noção do tempo exato de cada notícia, a impressão de imparcialidade e a contraposição aos padrões dos longos jornais falados da época (KLOCKNER, 2001, p. 1 apud PRADO, 2012, p. 120).

2.2 Web rádio

Um dos marcos da história do rádio é a inserção do meio na internet na década de 90. Para Prata (2008), o rádio na pós-modernidade tem imagens em movimento, fotografias, hipertextos, links, interação por meio de imagens e não-linearidade.

Teixeira e Silva (2010) explicam que em muitos casos, a emissão online é a reprodução integral do sinal hertziano.

> Através de codificação pelo computador que, através de streaming, reproduz a emissão por IP (Internet Protocol - Protocolo da Internet), acessível a todos os que trabalhem no ambiente Web. Os dados são enviados do PC por pacotes de áudio, vídeo e imagens para Internet, ficando armazenados em ambiente virtual e

> disponibilizados para o público, o qual tem acesso a um conjunto de recursos interactivos. (TEIXEIRA; SILVA, 2010, p. 256)

Prata (2008) conta que a partir de 1998, foram criadas emissoras de rádio apenas na internet que são chamadas de web rádios. A pesquisadora (2008) afirma que quando o termo web rádio é usado é possível relacionar que a emissora pode ser acessada por URL (Uniform Resource Locator). Além disso, revela que a URL é usada na internet e não possui frequência em aparelhos receptores de ondas hertzianas.

Para Piñeiro e Ramos (2011), essa nova maneira de fazer rádio é definida como uma plataforma de convergência e utiliza a flexibilidade, a ubiquidade, a comunicação síncrona e assíncrona, a linguagem multimédia ou a interactividade.

Entre as características positivas citados por Prata (2008) estão a melhor qualidade de som, recursos que ampliam os formatos de programação atualmente conhecidos e novos canais de interatividade.

> O rádio na web é também uma forma de radiofonia digital, só que muito mais ampla, muito mais dinâmica, que abarca um número maior de novas possibilidades de gêneros e formas de interação. A webradio também é de fácil operacionalização e manuseio, fatores determinantes para o sucesso de qualquer tecnologia. Não é à toa que hoje em dia a transmissão radiofônica via internet faz parte do dia-a-dia de associações, ONGs, comunidades diversas e universidades, sendo tarefa impossível precisar o número de emissoras que estão na rede. Quando se fala que o futuro do rádio é digital, percebe-se que isto não quer dizer necessariamente a digitalização das ondas hertzianas, mas uma nova forma de transmissão que se dá pela internet. (PRATA, 2008, p.3)

Nas rádios universitárias que divulgam conteúdos científicos, a web rádio pode ser ainda mais vantajosa. Piñero e Ramos (2011) apontam a questão do caráter educativo que pode ser enriquecido por recursos textuais como informações complementares, audiovisuais e multimídias como mapas e infográficos.

Ainda para os mesmos autores (2011), a migração do rádio para a internet favoreceu a abertura de diversos canais. E, assim, também aumentou as possibilidades para as rádios universitárias pelas novas plataformas de comunidades acadêmicas na rede. Além disso, o novo canal também aumenta a oportunidade de utilizar elementos textuais, audiovisuais, multimídia e imagético.

2.3 Redação do texto no radiojornalismo

Os ouvintes de rádio possuem muitas distrações enquanto escutam informações. Por exemplo, é comum que pessoas ouçam rádio enquanto estão no trânsito, mas neste momento

muitas distrações passam pela cabeça desse indivíduo, seja um semáforo, outros veículos, pedestres ou até o próprio trajeto.

> Procure imaginar o que acontece em torno do ouvinte ao mesmo tempo em que a mensagem é transmitida pelo rádio. Ele pode estar dirigindo, atento ao trânsito, preocupado com o motoqueiro que passa em alta velocidade e com os demais motoristas que tentam tomar-lhe a frente. Luminosos, cartazes, pichações e pessoas atravessando a sua desviam-lhe o olhar. Outra situação: o ouvinte está sentado, no escritório. Diante dele, o computador recebe dezenas de mensagens eletrônicas a cada minutos. O telefone toca; a secretária aparece, lembrando o compromisso de logo mais, e os colegas debatem a campanha que está para ser lançada. Em meio a essa avalanche de informações, lá está o locutor, esganiçando no rádio, tentando ser mais interessante que tudo isso junto. (JUNG, 2004, pág. 17)

Dessa forma, a linguagem do rádio se aproxima da linguagem falada que usamos no nosso cotidiano. Para Rech (2018, p. 141-142) a redação do texto no radiojornalismo deve usar a coloquialidade, orações diretas e frases curtas. “A produção de texto para rádio distancia-se da que é voltada para o veículo impresso e aproxima-se da que é feita para a televisão.”.

Ainda para a autora (2018), o rádio exige que o apresentador proponha um bate-papo com o ouvinte. E ressalta que hoje, o meio tem recursos para que o retorno aconteça com ligações, e-mail e até por mensagens no aplicativo WhatsApp. Além disso, outro fator é a instantaneidade e agilidade na transmissão de notícias.

> Além da instantaneidade, o que torna o rádio imbatível quando o assunto é agilidade na transmissão de informações em tempo real é o grande alcance que esse veículo tem, sendo capaz de atingir diversos tipos de públicos. Além disso, existe a vantagem de poder ser ouvido em qualquer lugar, mesmo quando o ouvinte está envolvido em outras atividades, como dirigir (RECH, 2018, p. 146)

2.4 Rádio educativa

Na história do rádio muitas iniciativas prezavam pela difusão educativa e cultural nas emissoras do país. Entretanto, para Deus (2003) esse início é confuso, ainda já que a bibliografia e a legislação apontem que o rádio educativo já passou pelo científico, erudito e cultura, e como função, teve a transformação da realidade brasileira.

Assim como Prado (2012) revela que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada em 1923 e idealizada por Roquette-Pinto, tinha como lema trabalhar pela cultura e pelo progresso do país. Apesar disso, seu objetivo não foi concluído, porque apenas a elite tinha condições financeiras para a compra dos aparelhos de rádio na época. “A Rádio Sociedade do Rio de

Janeiro tinha uma programação de cunho educativo, que incluía literaturas brasileiras, francesa e inglesa.”. (PRADO, 2012, p. 53).

Em seu artigo, Bois (2003) considera que a rádio educativa passou por seis fases. A pioneira, da que foi da inauguração da Rádio Sociedade até a criação de Rádio - Escolas em 1928, marcada pelo advento da radiodifusão.

Já a segunda fase, entre 1929 a 1940, foi a consolidação das Rádio - Escolas e a criação das redes educativas. Na terceira, entre 1941 e 1966, o marco foi a extensão do eixo Rio-São Paulo. A quarta, entre 1967 e 1979, pelo momento histórico do Brasil, foi marcada por ações centralizadores para fins educativos pelo Estado ditatorial.

Nesse período, Bois (2003) afirma que o rádio brasileiro estava em situação de igualdade quanto à teleducação, quando comparado com outros países mais avançados. Essa realidade foi possível pela criação de centros produtores regionais e, também, a introdução da ciência como orientador das fases do processo, que envolve o diagnóstico, o planejamento, a produção, a veiculação e a recepção.

Na quinta fase, com início em 1979, refere-se à transformação do meio de massa à educação e, também, o começo das educativas na FM. Segundo a autora (2003), na última fase, desde 1995, é firmado o compromisso dos radialistas com a educação. Além disso, as rádios educativas crescem e as comunitárias também. A pesquisadora afirma também, que essa mídia segue as tecnologias desde a prática de produção até na de transmissão pela internet.

O uso do rádio como meio de comunicação educativa, para Bois (2003), não é eficiente no Brasil. E reforça o argumento ao apontar a desproporcionalidade entre o número de emissoras comerciais e educativas. De acordo com a pesquisa “Tudo que você precisa saber sobre rádio e televisão: licenças, outorgar, taxa de penetração, receitas, audiências e receptores” da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), o Brasil apresentava 4.626 emissoras de rádio comercial, 497 educativas e 4.653 comunitárias até o final de 2014.

A rádio educativa nas universidades dissemina os estudos realizados por seus professores e pesquisadores. Segundo Assumpção (2003), tem a responsabilidade social de informar a população sobre as pesquisas científicas e tecnológicas. Além disso, a linguagem para transmitir essas informações deve ser coloquial e com clareza para atingir o ouvinte.

A primeira universidade a ter rádio foi a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. De acordo com Prado (2012), foi oficialmente inaugurada em 18 de novembro de 1957 e é chamada de Rádio da Universidade.

> A Rádio da Universidade, como é chamada, portanto, já começou como emissora voltada ao ensino e temas específicos da educação, principalmente os vinculados à instituição. É considerada a primeira emissora universitária brasileira, embora a Rádio da UFG (Universidade Federal de Goiás), operando oficialmente desde 1965, também reivindique esse título. (PRADO, 2012, p. 221)

Assumpção (2003) ainda reforça que a rádio universitária pode ser a principal e a mais importante forma de divulgação, socialização e popularização da ciência. Entretanto, quando as pesquisas são finalizadas costumam ser publicadas em revistas especializadas em linguagem também especializada. E isso dificulta o acesso para o ouvinte. Para Deus (2003), as dificuldades encontradas podem ter causa na falta de regulamentação.

> O Código de Telecomunicações de 1962 (BRASIL, 1995), que regulamenta o serviço e a exploração de radiodifusão no Brasil, não determina que papel deve cumprir uma emissora que, além de universitária, está vinculada a uma universidade pública. Esta falta de amparo legal pode ser uma das causas que fazem estas rádios permanecerem isoladas, cada uma formatando uma programação que entende ser a melhor, mas sem uma definição conjunta nem mesmo dentro da própria universidade a que estão vinculadas. (DEUS, 2003, p. 309)

Dessa forma, Assumpção (2003) defende que é preciso uma proposta pedagógica comunicacional. Assim a ideia do especialista/pesquisador poderia ser reformulada pelos jornalistas para que a linguagem se aproximasse do ouvinte. Assim, a autora (2003) acredita que a rádio universitária pode ser uma ponte entre a ciência, a tecnologia e a comunidade que não tem acesso à essas informações.

Essa proposta deve ser integrada e interdisciplinar para que pesquisas de programas de pós-graduação sejam pautas para o radiojornalismo da rádio universitária. Além disso, Assumpção (2003) afirma que o interesse do ouvinte pode ser atendido em noticiários ou programas, que possuem a presença de especialistas para esclarecer conteúdos específicos.

Ainda sobre o assunto, Herrera Huérfano (2001 apud DEUS, Sandra, 2003) escreve que a função social de uma rádio universitária é oferecer uma produção que atenda ao interesse da maior parte dos setores da população.

> Isso não significa somente que deve atingir o maior número de ouvintes, mas oferecer uma programação que corresponda aos interesses de diferentes setores da população. Esta programação não deve ser voltada para as necessidades particulares de um pequeno segmento de ouvintes privilegiados ou mesmo para os funcionários públicos

> destas emissoras que fazem os seus próprios programas ou para os seus amigos onde formam um verdadeiro clube. (DEUS, 2003, p. 310 - 311)

Assim, para Assumpção (2003), as pesquisas desenvolvidas na universidade devem ser divulgadas e não apenas armazenadas nas bibliotecas universitárias. E por isso, o conhecimento adquirido pelas pesquisas científicas e tecnológicas desenvolvidas na universidade deve ser socializada e democratizada.

Dessa forma, é possível perceber como a rádio educativa está intrínseca na história do rádio. Um exemplo de radiojornalismo com o propósito de educação é a Rádio USP, que é o objeto de estudo deste trabalho. No veículo, a ciência é divulgada para o público leigo como forma de transmitir conhecimento.

CAPÍTULO III – RÁDIO USP – ESTUDO DE CASO E ANÁLISE

O Campus da USP em Ribeirão Preto está localizado na antiga Fazendo Monte Alegre. O primeiro proprietário foi o fazendeiro João Franco em 1874 e depois, em 1890, o imigrante alemão Francisco Schimidt comprou a fazenda. Ele ficou conhecido como o maior produtor mundial de café, o "rei do café".

Entre os fatos históricos do local é que foi o primeiro ponto da cidade a receber luz elétrica. Na fazenda também circulava uma ferrovia particular para escoar a produção de café e Schimidt tinha até uma moeda própria cunhada em alumínio. Apesar de toda prosperidade, a crise de 1929, a quebra da Bolsa de Nova York, a fazenda enfrentou dificuldades e foi vendida para João Marquese.

Em 1940, o governo desapropriou a fazenda para fins educativos e dois anos depois o interventor Fernando Costa lançou a pedra fundamental da Escola Prática de Agricultura. Na época, foram construídos os prédios que são utilizados até hoje pela Universidade. O espaço foi ocupado pela Faculdade de Medicina, que foi criada em 1948 e começou a funcionar em 1952. Atualmente, o Campus abriga a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP), a Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP), as Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCFRP); de Direito (FDRP); de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão (FFCLRP); de Economia, Administração e Contabilidade (FEARP), de Medicina (FMRP) e Odontologia (FORP).

Além disso, possui diversos serviços como atividades culturais, biblioteca central, centro de visitantes, Centro de Educação Física, Esportes e Recreação (CEFER), Hemocentro, Hospital das Clínicas, Livraria EDUSP, moradias, prefeitura do campus, procuradoria geral e restaurante.

Dessa forma, o Campus abriga diversas atividades e possui uma grande circulação de pessoas. Por isso, partindo de uma das missões mais importantes de uma emissora de rádio é a divulgação de informação, que em 21 de dezembro de 2004, a Rádio USP Ribeirão, objeto de estudo desta pesquisa, foi instalada no campus.

A emissora está na frequência 93,7 FM para a Grande São Paulo e 107,9 para Ribeirão Preto e no raio de 100 quilômetros da cidade. Além disso, pode ser ouvida via internet através do Jornal da USP, portal mantido pela Superintendência de Comunicação Social da USP.

Figura 1 – Fachada do prédio da Comunicação Social da USP em Ribeirão Preto

Foto: Giovanna Grepi

Entretanto, não é possível abordar a Rádio USP em Ribeirão sem mencionar e conhecer também as produções da Rádio USP em São Paulo, que começaram em 1977 com o objetivo de ser um canal de comunicação entre a USP e a população.

Desde o ano de 2016, a Universidade, pela Superintendência de Comunicação Social, iniciou a integração entre as rádios de São Paulo e Ribeirão Preto, que foi completamente integrada em 2017. Desta forma, hoje a Rádio USP é uma emissora que veicula conteúdos produzidos em São Paulo e Ribeirão Preto.

A programação unificada da Rádio USP é voltada para a divulgação de atividades da Universidade e abre debate sobre temas do cotidiano. Assim, entre os destaques da programação está o jornalismo científico, com a divulgação de pesquisas e aprofundamento de temas com pesquisadores da USP. Além disso, a Rádio possui programação que é voltada para músicas nacionais, que vai desde MPB, rock, jazz, samba e música erudita.

Em toda a história, a Rádio USP coleciona prêmio como o da Associação Paulista dos Críticos de Arte (ACPA), Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro e o Terceiro Concurso Internacional de Programas de Rádio da Rádio Cubana.

Em Ribeirão Preto, a equipe é formada por 3 jornalistas, 6 estagiários, 2 locutoras, 2 técnicos de som, 1 apresentador e produtor do programa Express Cultura, 1 arte-finalista, 1 secretária e 1 chefe do setor. Esses funcionários são responsáveis pela Rádio USP, Jornal da USP e assessoria interna e externa.

Figura 2 – Estúdio de gravações da Comunicação Social da USP – Rib. Preto

Foto: Giovanna Grepi

Figura 3 - Estúdio para ao vivo da Comunicação Social da USP - Ribeirão Preto

Foto: Giovanna Grepi

3.1 Produções da Rádio USP em Ribeirão Preto

No Campus da USP em Ribeirão Preto, são realizadas produções para o portal chamado Jornal da USP e para a Rádio USP. Os conteúdos desenvolvimentos pela equipe ribeirão-pretana contribuem para a produção semanal de programas, colunas, boletins e programa matinal de notícias da Rádio, além de matérias para o Jornal da USP. As produções são realizadas por 3 jornalistas, 6 estagiários, 2 locutoras e 2 técnicos de áudio. Além disso, os conteúdos contam com a colaboração de 4 professores nas colunas Minuto do Cérebro, Reflexão Econômica, Fique de Olho e Ciência e Esporte; 2 professores no programa Ambiente é o Meio, que sempre conta com a colaboração de um estagiário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP em Ribeirão Preto; e os boletins são produzidos por professores e alunos dos cursos correspondentes ao assunto. Por exemplo, o Pílula Farmacêutica, por alunos do curso de Farmácia; Em dia com Direito do Direito; e Anatomia Responde da Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto.

Figura 4 – Redação da Comunicação Social da USP em Ribeirão Preto

Foto: Giovanna Grepi

Como o Campus da USP em Ribeirão Preto é formado por muitos cursos da área da Saúde, a produção é muito forte em temáticas que envolvem esse setor. Entretanto, para Talamone (2018), jornalista e supervisora de estágio da Superintendência de Comunicação Social Polo Ribeirão Preto da USP, a equipe busca pautas em outros cursos da Universidade para que a população fique mais informada sobre outras áreas também. Por exemplo, o curso de administração estuda sobre a gestão pública e professores e pesquisadores da área são entrevistados pelos jornalistas ou estagiários. Além disso, a jornalista ainda acredita que é necessário encontrar um equilíbrio entre música e informação.

> Eu acho que tem determinados momentos do dia que ela (a programação da Rádio) ainda não encontrou esse equilíbrio. Porque música também é informação e educação. E a proposta dela de música é muito bacana do ponto de vista cultural e educacional. E ela ainda não está usando bem esse espaço, mas eu ainda acredito que vai encontrar, é um processo de mudança que vai chegar lá. (informação verbal)[6]

3.1.1 Produções em São Paulo e Ribeirão Preto

Quadro 1 – Programas, colunas e boletins da Rádio USP

Produções da Rádio USP em Ribeirão Preto	
Programa	**Periodicidade**
Saúde sem Complicações	Terça-feira
Ambiente é o Meio	Quarta-feira
USP Analisa	Terça-feira
Revoredo	Quinta-feira
Interação (*)	De segunda à sexta-feira
Express Cultura (**)	De segunda à sexta-feira
Colunas	**Periodicidade**
Minuto do Cérebro	Terça-feira
Reflexão econômica	Quarta-feira
Fique de Olho	Quarta-feira
Ciência e Esporte	Sexta-feira
Boletins	**Periodicidade**

[6] Informações obtidas por meio de depoimento fornecido por Rosemeire Aparecida Soares Talamone, jornalista e supervisora de estágio da Superintendência de Comunicação Social Polo Ribeirão Preto da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi, na sua residência em Ribeirão Preto – SP, no dia 4 de agosto de 2018.

Pílula Farmacêutica	Segunda-feira e quarta-feira
Anatomia Responde	Segunda-feira e sexta-feira
Em dia com Direito	Terça-feira e quinta-feira
Boletim de Notícias (****)	De segunda à sexta-feira
Produções da Rádio USP em São Paulo	
Programa	**Periodicidade**
Diversidade em Ciência	Segunda-feira
Interação (*)	De segunda à sexta-feira
Brasil Latino	Segunda-feira
Biblioteca Sonora	Terça-feira
Revelando África	Terça-feira
Abrace uma Carreira	Quinta-feira
Autoral Brasil	Quinta-feira
Lado "Z"	Quinta-feira
Diálogos na USP	Sexta-feira
Pesquisa Brasil	Sexta-feira
Playlist do Zuza	Sexta-feira
De papo pro Ar	Sexta-feira
USP Especiais	Sexta-feira
Som da USP	Todos os dias
Madrugada USP	Todos os dias
Manhã com Bach	Sábado
Vira e Mexe	Sábado
Rock Brazuca	Sábado
O Samba Pede Passagem	Sábado e domingo
Rádio Matraca	Sábado
Olhar Brasileiro	Domingo
Universidade 93,7	Domingo
Sons do Brasil	Domingo
O Sul em Cima	Domingo
Outra Frequência	Domingo
Via Sampa (***)	De segunda à sexta-feira

Jornal da USP no Ar	De segunda à sexta-feira
Colunas	**Periodicidade**
Ouvir Imagem	Segunda-feira
Iconomia	Segunda-feira
Horizontes do Jornalismo	Segunda-feira
Saúde e Meio Ambiente	Segunda-feira
Corpo e Movimento	Segunda-feira
Observatório da Inovação	Segunda-feira
A Qualidade da Democracia	Terça-feira
Diplomacia e Interesse Nacional	Terça-feira
Diversidades	Terça-feira
Doutor Bartô e os Doutores da Alegria	Terça-feira
Um Olhar sobre o Mundo	Terça-feira
Globalização e Cidadania	Quarta-feira
Ética e Política	Quarta-feira
Na Cultura, o Centro Está em Toda Parte	Quarta-feira
Decodificando o DNA	Quarta-feira
Olhar da Cidadania	Quarta-feira
Sustentáculos	Quinta-feira
Cidade para Todos	Quinta-feira
Poder e Contrapoder	Quinta-feira
Espaço em Obra	Quinta-feira
Saúde Feminina	Quinta-feira
Ciência e Cientistas	Quinta-feira
Energia	Sexta-feira
Datacracia	Sexta-feira
Bibliomania	Sexta-feira
Entender Estrelas	Sexta-feira
Conflito e Diálogo	Sexta-feira
Boletins	**Periodicidade**
Por dentro da música	Segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira

CD do mês	Segunda-feira à sexta-feira
O Samba e suas Histórias	De segunda à sexta-feira
Mitologia	De segunda à sexta-feira
É Bom Saber	Terça-feira e quinta-feira
Você sabia?	Sábado
Boletim de Notícias (****)	De segunda à sexta-feira

Fonte: Giovanna Grepi

(*) Programa produzido e apresentado pelos dois campi e veiculado em rede

(**) Programa produzido e veiculado apenas pela Rádio USP em Ribeirão Preto

(***) Programa produzido e veiculado apenas pela Rádio Rádio USP em São Paulo

(****) Boletim produzido pelos dois campi e veiculado em rede

A partir do Quadro 1, é possível apresentar os programas, colunas e boletins que fazem parte da grade de programação da Rádio USP de São Paulo e de Ribeirão Preto. Ambas trabalham integradas e, desta forma, é possível produzir material informativo diário. Com a integração foi possível também unir a equipe de Ribeirão Preto e de São Paulo, que possui aproximadamente 60 funcionários entre jornalistas e técnicos de áudio, e assim, conseguir realizar uma produção maior e de caráter nacional. Hoje a programação da Rádio USP também é disponibilizada na internet por meio do Portal, e desta forma, atingindo também o global.

A programação completa da Rádio USP conta ainda com uma grade de reprise de programas, boletins e colunas durante toda a semana. Além disso, há o programa Interação que possui uma particularidade especifica por ser fruto de uma produção conjunta de um funcionário de São Paulo e outro de Ribeirão Preto. O programa ao vivo tem duração de uma hora e utiliza as redes sociais para aproximar o ouvinte da Rádio através de curiosidades sobre acontecimentos históricos do dia.

A grade de programação ainda conta com dois programas diários e ao vivo que possuem apenas exibição local, já que produzem informações específicas das cidades de São Paulo e Ribeirão Preto. Em São Paulo, é transmitido o Via Sampa que traz informações culturais da capital paulista. Já em Ribeirão Preto, o programa Express Cultura tem transmissão local e aborda conteúdo cultural e divulgação de eventos da cidade e da região.

Além disso, há o Boletim de Notícias que é produzido pelas equipes de São Paulo e Ribeirão Preto com pequenas informações sobre eventos e matérias jornalísticas de todos os campi da USP. O boletim tem quatro entradas por dia de segunda à sexta-feira.

Falando especificamente da produção de conteúdo realizado em Ribeirão Preto, a partir do Quadro 1, há os programas *Ambiente é o Meio*, *Saúde sem Complicações*, *Revoredo* e *USP Analisa*. Há as colunas *Minuto do Cérebro*, *Reflexão Econômica*, *Fique de Olho* e *Ciência e Esporte.* Também compõe a grade os boletins *Pílula Farmacêutica*, *Anatomia Responde* e *Em Dia Com Direito*. A equipe ribeirão-pretana produz também matérias diariamente para serem veiculadas durante a programação da Rádio, para o programa Jornal da USP no Ar. O programa é ao vivo e realizado de segunda à sexta-feira com notícias da Universidade e entrevistas com pesquisadores e professores.

É importante ressaltar que o Campus da USP em Ribeirão Preto possui a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP), Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP) e as Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCFRP); de Direito (FDRP); de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão (FFCLRP); de Economia, Administração e Contabilidade (FEARP), de Medicina (FMRP) e Odontologia (FORP). Além de prestar diversos serviços como: atividades culturais, biblioteca central, centro de visitantes, Centro de Educação Física, Esportes e Recreação (CEFER), Hemocentro, Hospital das Clínicas, Livraria EDUSP, moradias, prefeitura do campus, procuradoria geral e restaurante.

3.1.1.1 Programas da Rádio USP em Ribeirão Preto

São quatro programas produzidos no campus de Ribeirão Preto que integram a grade nacional da Rádio USP e mais um programa que é veiculado somente na cidade. O *Ambiente é o Meio*, no ar desde 2006, aborda temas socioambientais e sustentabilidade com especialistas e pesquisadores. Realizado pelos professores José Marcelino de Rezende Pinto e Marcelo Pereira de Souza, ambos da FFCLRP, surgiu como um projeto de extensão da Faculdade com a Rádio USP e conta com o apoio do programa USP Recicla da Superintendência de Gestão Ambiental (SGA) da USP. Dentro do programa já foram discutidos temas como: povos indígenas, contaminação das águas da Amazônia, política e economia ambiental, certificação ambiental, transporte das cidades brasileiras, geografia agrária e agrotóxicos, arborização urbana e qualidade do ar, mineração brasileira e controle de agrotóxicos.

Outro programa, o *Saúde sem Complicações*, que substituiu o *Saúde da Mulher*, é produzido e apresentado pela locutora Mel Vieira com direção da Talamone (2018). Os conteúdos do Programa abordam questões do processo saúde-doença. Entre os temas estão:

andropausa, trauma na infância, baixo índice de vacinação, obesidade infantil, problemas de retina, surdez, suicídio, direitos na saúde pública e privada, leucemia e qualidade de vida.

Já o *USP Analisa*, programa produzido pela Rádio USP Ribeirão Preto e o Instituto de Estudos Avançados Polo Ribeirão Preto (IEA) da USP, traz diversos temas para reflexão. Algumas temáticas tratadas são: as possibilidades da tecnologia na educação, autonomia universitária, regiões metropolitanas, fake news, impactos sociais do esporte e inovação no setor da saúde são assuntos já abordados. O *USP Analisa* é produzido por João Henrique Rafael Jr, analista de comunicação, e Thais Cardoso, jornalista.

Por fim, o *Revoredo* que é produzido e apresentado pelo maestro José Gustavo Julião de Camargo do Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP). O programa traz obras musicais tocadas na viola, entre eles está o músico Paulo Freire, Sérgio Penna, Mauro Albert e Hugo Lins. Ao todo são quatro programas produzidos pela equipe ribeirão-pretana.

3.1.1.2 Colunas Rádio USP em Ribeirão Preto

Coluna é um gênero radiofônico muito utilizado na programação da Rádio USP, que traz especialistas para discutir temas da atualidade com periodicidade definida e tempo de aproximadamente 5 minutos. Produzida por professores da Universidade de São Paulo, as colunas tratam de assuntos atuais e específicos da área de pesquisa do assinante. Além disso, o gênero carrega em sua definição a exigência de uma periodicidade definida e na Rádio USP é semanal.

A programação conta com quatro colunas, conforme Quadro 1, que são produzidas por professores com apoio da equipe da Rádio USP em Ribeirão Preto para sugestão de temas e serviços técnicos. Produzidas e realizadas por professores, as colunas abordam questões atuais e tem duração de aproximadamente cinco minutos.

O professor Octávio Pontes Neto da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto é o responsável pelo *Minuto do Cérebro*, que traz temáticas que envolvem doenças cerebrovasculares. Além dele, o professor Luciano Nakabashi da Faculdade de Economia e Administração também de Ribeirão Preto produz o *Reflexão Econômica*, que expões assuntos ligados à economia como: desemprego, eleições e PIB.

Já a coluna *Fique de Olho* é comandada pelo professor Eduardo Rocha da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, que traz informações relacionadas ao olho humano. Dentre os temas já abordados nesta Coluna estão: o uso de lentes de contato, acidente ocular,

alimentação, tratamentos comprovados e a importância dos cinco sentidos.

E por fim, o professor Paulo Santiago, da Escola de Esporte e Educação Física de Ribeirão Preto, aborda no *Ciência e Esporte* questões que envolvem os exercícios físicos. Tecnologia, movimentos aquáticos, cansaço mental em jogadores de futebol e estudos estão entre os temas já abordados pelo especialista.

3.1.1.3 Boletins da Rádio USP em Ribeirão Preto

Um dos gêneros radiofônicos utilizados é o de boletim, que é um informativo rápido de aproximadamente cinco minutos. Em Ribeirão Preto, há a produção de três boletins como o *Pílula Farmacêutica*, desenvolvido pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto (FCFRP), no ar desde 2013. Ele tem como principal objetivo divulgar informações sobre o uso correto de medicamentos e assuntos relacionados à saúde.

Já o *Anatomia Responde*, das Faculdades de Odontologia (FORP) e Medicina (FMRP), trazem informações sobre anatomia humana para os ouvintes da Rádio. E o *Em dia com o Direito*, realizado pela Faculdade de Direito (FDRP), traz dicas sobre os direitos e deveres da população, empresa e governo.

3.1.1.4 Matérias jornalísticas da Rádio USP em Ribeirão Preto

Entre as produções da Rádio USP realizadas pela equipe de Ribeirão estão as matérias jornalísticas em áudio que são utilizadas também no Jornal da USP no Ar. As matérias são apresentadas pela jornalista Roxane Ré e realizadas de segunda à sexta-feira das 7h30 às 9h30 em parcerias com a Faculdade de Medicina e o Instituto de Estudos Avançados.

As matérias jornalísticas em áudio finalizadas são divulgadas no Jornal da USP no Ar, jornal de notícias diário e ao vivo que integra a programação da Rádio USP. Após transmissão da matéria, a equipe elabora pequenos textos que são postados no Jornal da USP, portal de notícias da Superintendência de Comunicação Social da USP, junto com o áudio. As matérias têm como principal objetivo abordar temas do cotidiano e divulgar pesquisas realizadas dentro do campus da Universidade.

Para a produção dessas matérias, as equipes de São Paulo e de Ribeirão Preto fazem reuniões de pauta todas às terças-feiras por telefone. Segundo Talamone (2018), há dois tipos de pauta: as de demanda espontânea, que são enviadas pelos pesquisadores, departamentos e

gestores da Universidade como pesquisas e eventos, por exemplo; e a busca de pautas por temas da atualidade no Brasil e no mundo e que possam ser repercutidas com profissionais da USP.

3.1.2 Da rádio para o online

A Rádio USP também investe na convergência com a migração dos conteúdos informativos para o Portal do Jornal da USP, ampliando assim o alcance de audiência. Toda a postagem de conteúdo é acompanhada de um breve texto sobre a temática abordada no áudio. O objetivo principal é que a população possa consumir a informação produzida pela Rádio USP da maneira que preferir.

A diretora de redação da Superintendência de Comunicação Social da USP, Márcia Blasques (2018), destaca que a postagem dos conteúdos da Rádio na internet possibilita medir a audiência através do Portal com a ferramenta Google Analytics. "A gente não tem contratos como IBOPE por questões de custo. É um custo elevado, mas pelo Jornal a gente consegue medir" (informação verbal)[7]. O portal Jornal da USP possui em média 1 milhão e meio de acessos por mês e o retorno é mensurado de forma informal de acordo com a procura por fontes que estão nas reportagens em texto ou áudio pela imprensa local e nacional. (BLASQUES, 2018).

Entretanto, a jornalista do Instituto de Estudos Avançados Polo Ribeirão Preto da USP, Thais Cardoso (2018), acredita que o ideal seria ter uma métrica para a Rádio USP, com o objetivo de conhecer o público e assim poder tornar a mensagem mais eficaz. Cardoso (2018) ainda considera o Portal e a Rádio veículos distintos e há falta de planejamento causado por esse desconhecimento do perfil do ouvinte.

3.1.3 Integração entre os campi

A Rádio USP em São Paulo e em Ribeirão Preto iniciaram um processo de integração da programação em 2016, que aconteceu efetivamente em 2017. Anteriormente, Ribeirão Preto tinha oito horas de programação e o restante do dia era complementado com a programação de São Paulo, segundo Talamone (2018). Após a integração, toda a programação

[7] Depoimento fornecido por Márcia Blasques, diretora de redação da Superintendência de Comunicação Social da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi por chamada de vídeo via WhatsApp, no dia 11 de agosto de 2018.

é exibida em conjunto nas Rádios de São Paulo e de Ribeirão Preto. Apenas o programa cultural *Express Cultura*, é veiculado em Ribeirão Preto, porque é direcionado às atividades culturais que são realizadas na cidade e na região.

Para Cinderela Caldeira (2018), editora de Atualidades da Rádio USP e do Jornal da USP, a integração trouxe resultados positivos. Além disso, revelou que há projetos para integrar também outros campi da USP, e assim com o trabalho em conjunto, enriquecer a produção da Rádio USP.

3.2 Importância da divulgação da ciência

O trabalho realizado pelas produções da Rádio USP em Ribeirão Preto permite a divulgação de informações sobre as Escolas, Faculdades e unidades localizadas no Campus. Além disso, uma especialidade destacada é o jornalismo científico realizado por meio das pesquisas científicas e o aprofundamento de temas com pesquisadores, professores e especialistas da USP em Ribeirão Preto.

A Universidade possui um tripé de atuação que envolve pesquisa, ensino e extensão e que segundo Talamone (2018), a Rádio USP se encaixa na extensão e tem o compromisso de divulgar a ciência, levando informação à população.

> Como ela é uma instituição de ensino, que poucas pessoas tenham acesso, eu acho que através da divulgação ela também pode educar. A Universidade também acaba tendo esse papel de educar através da divulgação. Então, eu acho que é basicamente isso (informação verbal)[8]

Para a Talamone (2018), a divulgação também é uma prestação de contas para que a sociedade saiba onde o dinheiro contribuído está sendo investido. Blasques (2018) que trabalha na ligação entre a equipe da Rádio e do Portal e a área administrativa da Superintendência, também possui a mesma visão.

> A partir do momento que a gente faz uma matéria de ciências e a gente divulga isso e mostra para o maior público que a gente consegue alcançar como aquilo está se desenvolvendo, os resultados que aquilo está alcançando, a gente está mostrando para

[8] Informações obtidas por meio de depoimento fornecido por Rosemeire Aparecida Soares Talamone, jornalista e supervisora de estágio da Superintendência de Comunicação Social Polo Ribeirão Preto da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi, na sua residência em Ribeirão Preto – SP, no dia 4 de agosto de 2018.

> a sociedade que a USP está sim retornando o que se espera dela, o que foi investido nela. (informação verbal)[9]

Além disso, Cardoso (2018), que auxilia na produção e apresenta o programa *USP Analisa*, considera que a divulgação científica é muito importante para a sociedade, ampliando conhecimento e abrindo as portas para novas pesquisas e estudos.

> A divulgação científica na minha opinião tem essas duas vertentes. É a prestação de contas e também uma forma de atrair talentos, fazendo aí uma retroalimentação se a gente for pensar. Atraindo talentos para a Universidade, trazendo mais alunos que vão virar pesquisadores. (informação verbal)[10]

3.3 Ciência nas produções em Ribeirão Preto

Falar sobre ciência é um desafio para o jornalista, que enfrenta os entraves da linguagem específica. O profissional que trabalha nessa área sabe que é necessário adaptar a linguagem da ciência para o texto jornalístico para que o público leigo possa compreender a informação transmitida. Segundo Talamone (2018), não é necessário ser especialista em determina área, mas é importante que o jornalista entenda minimamente do assunto que irá reportar.

Além disso, Talamone (2018) acredita que a Rádio USP pode ser menos técnica e acadêmica para facilitar o entendimento do ouvinte de forma geral. A jornalista também acredita em uma linguagem objetiva, clara e que tenha um tempo menor, o que Caldeira (2018) também concorda, e que ainda destaca a importância de se fazer a pergunta específica para depois conseguir traduzir a pesquisa de forma correta. “Esse é o grande desafio do jornalismo científico, você precisa entender o que ele (pesquisador) tá falando e não ter medo de perguntar” (informação verbal)[11].

Para o jornalista da Superintendência de Comunicação Social Polo Ribeirão Preto da USP, Ferraz Júnior (2018), o maior desafio é traduzir a linguagem acadêmica para a linguagem coloquial sem perder a essência. Entretanto, a tarefa não é simples devido aos

---

[9] Depoimento fornecido por Márcia Blasques, diretora de redação da Superintendência de Comunicação Social da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi por chamada de vídeo via WhatsApp, no dia 11 de agosto de 2018.

[10] Depoimento fornecido por Thais Cardoso, jornalista do Instituto de Estudos Avançados Polo Ribeirão Preto da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi por chamada de vídeo via WhatsApp, no dia 5 de setembro de 2018.

[11] Depoimento fornecido por Cinderela Caldeira, editora de Atualidades da Rádio USP e Jornal da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi, por chamada de vídeo via WhatsApp, no dia 7 de agosto de 2018.

termos técnicos e científicos. Por outro lado, poder divulgar a pesquisa em primeira mão é um ponto positivo.

> A arte desse jornalismo é você traduzir a linguagem acadêmica para a linguagem coloquial para que o ouvinte da rádio possa entender do que se trata o assunto sendo leigo, sem perder a essência da própria pesquisa é um desafio diário e é isso que torna o jornalismo científico estritamente interessante. Além de você lidar naturalmente com a notícia da pesquisa que está saindo ali em primeira mão, isso é bem bacana. (informação verbal)[12]

3.3.1. Pesquisas científicas

Para divulgar a pesquisa científica é preciso utilizar o recurso da pirâmide invertida, que é uma técnica de estruturação que tem como princípio levar a informação mais importante nas primeiras linhas e deixar as menos relevantes para o final, que no jornalismo é conhecido como lide. Essa técnica deve ser utilizada tanto no texto impresso e online, como também no texto radiofônico.

Na divulgação científica, Talamone (2018) afirma que mostrar o resultado do estudo e o reflexo que ele traz para a vida da população deve estar no início da produção. Dessa forma, no lide da matéria jornalística deve conter a informação básica sobre o tema.

Outra questão apontada é a necessidade de prender a atenção do ouvinte e fazer com a informação veiculada possa ser compreendida por ele, e de alguma forma, colaborar para o processo de promoção do conhecimento. Segundo Cardoso (2018), o cuidado com a mensagem deve ser muito grande para conquistar essa atenção do ouvinte e também do internauta, já que a convergência de conteúdo da Rádio está sendo feita via Portal, conforme já mencionado anteriormente durante essa análise de resultados.

3.3.2. Aprofundamento de temas do cotidiano

Além da divulgação científica feita por meio das pesquisas e estudos das Faculdades e Escolas da USP, a Rádio realiza um trabalho de aprofundamento de temáticas. Por exemplo, os programas, colunas e matérias jornalísticas dão voz aos especialistas da Universidade para abordar assuntos de interesse público ou do cotidiano. Portanto, torna-se um diferencial da produção do veículo.

---

[12] Depoimento fornecido por José Pedrosa Ferraz Junior, jornalista da Superintendência de Comunicação Social Polo Ribeirão Preto da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi por ligação telefônica, no dia 6 de agosto de 2018.

Segundo Caldeira (2018), a diferença entre outras emissoras e a Rádio USP é justamente essa questão, aprofundar no assunto. O conteúdo produzido pela Rádio, traz sempre o depoimento de um especialista na área e assim, busca esmiuçar o tema para que o ouvinte possa entender de forma completa o que está sendo debatido.

> Eu acho fundamental a gente trazer especialistas, não só para esclarecer, mas muitas vezes para debater. Porque lógico, a gente como jornalista sabe que não existe uma verdade única. Então, muitas vezes um tema tem dois, três, múltiplos lados. (informação verbal)[13]

Com o advento da internet e a pluralidade de opiniões, há insegurança em confiar nas informações que são veiculadas nos dias atuais. Por isso, Cardoso (2018) acredita que entrevistar um especialista para esclarecer dúvidas, pode trazer maior credibilidade.

> Por exemplo, você joga dieta dos pontos, joga um tema x e aparece uma vastidão de conteúdo e muitas vezes informações contraditórias. A gente fica pensando o que é verdade? O que não é verdade? De repente eu trago a voz de um especialista fica mais fácil, traz um pouco mais de luz, mas tem temas que vão virar um debate. É uma forma de estimular a população a pensar, a buscar mais informações, a entender mais sobre determinado tema. (informação verbal)[14]

3.4. Pesquisadores e jornalistas

A relação entre pesquisador e jornalista é muito citada pela literatura, de acordo com o levantamento feito nos capítulos anteriores, pelas divergências já mencionadas entre as duas áreas. Para Talamone (2018), essas divergências são reais e ocorrem porque o tempo do especialista e do profissional da área da comunicação é diferente, mas na USP essa barreira tem sido quebrada.

> Existe aquilo do jornalista entender que o pesquisador não é só pesquisa, ele está dando aula ou ele está em uma banca que vai o dia todo. E tem o outro lado, do pesquisador não ter a sensibilidade de entender que o jornalista precisa naquele momento. Não existe jornal amanhã. Amanhã ainda não tem notícia, você pode até programar alguma coisa para amanhã, mas a notícia é hoje. (informação verbal)[15]

Além disso, a jornalista aponta a questão da possibilidade de investimento em um curso, através da divulgação científica, para que a pesquisa em questão possa sair do

---

[13] Depoimento fornecido por Thais Cardoso, jornalista do Instituto de Estudos Avançados Polo Ribeirão Preto da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi por chamada de vídeo via WhatsApp, no dia 5 de setembro de 2018.
[14] Idem item 13.
[15] Depoimento fornecido por Rosemeire Aparecida Soares Talamone, jornalista e supervisora de estágio da Superintendência de Comunicação Social Polo Ribeirão Preto da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi, na sua residência em Ribeirão Preto – SP, no dia 4 de agosto de 2018.

tecnicismo e “dialogar” com o público leigo. Afinal, alguns pesquisadores ainda falam somente para seus pares e não estão acostumados a divulgar os resultados para quem não é da área. Para Caldeira (2018), o mais complicado no trabalho do jornalismo científico é ganhar a confiança do pesquisador, pois muitos passam por experiências ruins e ficam desconfiados com a imprensa de forma geral. Desta forma, ela aponta que o diferencial para que a relação entre as duas áreas seja bem-sucedida é a postura frente ao entrevistado, no caso, o pesquisador. Além disso, é preciso ter cuidado em preparar o texto para qualquer veículo de comunicação. Mesmo com a melhoria na relação com pesquisadores, Caldeira (2018) reforça que a maior dificuldade é o jornalista que ingressa na área e não está acostumado com as terminologias da ciência e ressalta a importância de se respeitar o especialista. Caldeira (2018) salienta ainda que as informações precisam ser transmitidas ao público leigo de forma correta, sem haver distorções das informações obtidas com os especialista/pesquisador.

Cardoso (2018) destaca que o pesquisador ainda tem dificuldade em transformar a linguagem científica para uma linguagem coloquial de forma que haja entendimento para o público leigo. Mas também revela que percebe um movimento importante dos novos pós-graduandos e professores, que até alimentam iniciativas individuais com postagens espontâneas em suas próprias redes sociais.

Cardoso (2018) ainda aponta que durante as entrevistas com os especialistas/pesquisadores, a principal dificuldade do jornalista é lidar com a diversidade de linguagem, pois alguns pesquisadores conseguem traduzir melhor o estudo realizado e entendem que a informação precisa ser, muitas vezes, “simplificada” para ser transmitida em um veículo de comunicação.

3.5. Desafios da Rádio USP em Ribeirão Preto

Para a produção dos conteúdos que são veiculados na Rádio USP, a equipe encontra dificuldades devido ao número reduzido de profissionais. Em Ribeirão Preto há apenas três profissionais atendendo as demandas da Rádio pela Superintendência de Comunicação Social Polo Ribeirão Preto, mas a quantidade pode variar. Por exemplo, durante a realização de entrevistas para este estudo, um dos profissionais estava afastada por motivos pessoais. Assim, a equipe estava com apenas duas pessoas. Para Cardoso (2018), esse é um problema que ocorre na Universidade porque não há contratação de mais funcionários e também em

decorrência dos planos de demissão voluntária e o número de profissionais na área ficou ainda mais reduzido.

> Com isso a gente está com um déficit muito grande de profissionais. Uma rádio pede uma produção muito grande, principalmente se você quer um jornalismo de qualidade, se você quer abordar adequadamente o que é desenvolvido na universidade, as pesquisas, os eventos, o que você tem pra comunidade. (informação verbal)[16]

Assim como Cardoso (2018), Talamone (2018) também defende que é preciso atrair profissionais qualificados para o trabalho realizado dentro do jornalismo da Rádio. Mas a realidade encontrada na atualidade é diferente, porque a produção está apoiada por estagiários de jornalismo. Atualmente há seis estudantes que estagiam no setor de comunicação da USP em Ribeirão Preto, que integra a Rádio e o Portal.

> Acho que esse é um problema muito grande que a gente enfrenta. Lógico, é uma tábua de salvação, foi o que sobrou, foi o recurso que a gente tinha para produzir o tanto de conteúdo que a gente precisa para manter uma rádio, mas não é a forma mais adequada. Eu acho assim que a Rádio ainda não é a menina dos olhos da Universidade, infelizmente, acho que falta valorizar um pouco mais esse veículo. (informação verbal)[17]

Segundo Blasques (2018), a equipe reduzida faz com que as produções não sejam tão elaboradas quanto deveriam ser, com um maior aprofundamento e detalhamento de informações. Como, por exemplo, explorar novos formatos para contar melhor as histórias.

Por outro lado, Cardoso (2018) vê que há uma mudança acontecendo desde a última gestão da Superintendência de Comunicação Social com o professor Eugenio Bucci. Afinal, antes havia muitos veículos além da Rádio, como agência de notícias, televisão e revista. “Foi legal essa coisa de unir essas vozes, mas acho que nessa brincadeira a rádio (USP) acabou perdendo um pouco de espaço para Jornal da USP” (informação verbal)[18].

Além disso, Talamone (2018) aponta que o maior desafio da Rádio USP é entreter, educar e informar. “Eu acho que dá pra fazer entretenimento educando. Dá pra fazer. Tanto o informar como o educar, dá pra fazer entretendo. Você pode entreter, mostrar uma música, por uma música gostosa para a pessoa ouvir e ao mesmo tempo educar” (informação verbal)[19].

---

[16] Depoimento fornecido por Thais Cardoso, jornalista do Instituto de Estudos Avançados Polo Ribeirão Preto da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi por chamada de vídeo via WhatsApp, no dia 5 de setembro de 2018.
[17] Idem item 16.
[18] Idem item 16.
[19] Depoimento fornecido por Rosemeire Aparecida Soares Talamone, jornalista e supervisora de estágio da Superintendência de Comunicação Social Polo Ribeirão Preto da USP, em entrevista concedida à Giovanna Grepi, na sua residência em Ribeirão Preto – SP, no dia 4 de agosto de 2018.

Como resultado desse estudo, um dos principais pontos que merece destaque é que apesar da integração de conteúdo entre os dois campi, a Rádio USP em Ribeirão Preto ainda enfrenta dificuldade pela quantidade de funcionários, revelando assim a falta de investimento na área e o pouco reconhecimento do trabalho de divulgação científica e informação de forma geral. Afinal, a equipe não atende apenas a produção da Rádio, mas também do Portal, segundo os depoimentos realizados nesta pesquisa também revelaram. Além disso, os mesmos profissionais possuem a tarefa de realizar a ponte entre os veículos de comunicação, que buscam por informações e fontes de especialistas da USP, realizando o trabalho de assessoria de comunicação.

Outro ponto importante a ser destacado, e que esta pesquisa trouxe também como resultado, é que ainda há dificuldades para o pesquisador entender que o público-alvo da Rádio são pessoas leigas. Isso demonstra mais um desafio a ser transposto entre jornalistas da Rádio USP e especialistas/pesquisadores, conforme a pesquisa transcorreu com a citação de outros autores que apontam como um entrave que precisa ser revisto, para que a divulgação científica consiga atingir novos públicos e não fique apenas intra muros.

E por último e não menos importante, o estudo traz como resultado outro desafio da área do jornalismo científico e que é também o da Rádio USP de Ribeirão Preto, a falta de profissionais capacitados. Essa qualificação é importante para transformar a linguagem científica em um texto informativo capaz de atingir o público de forma geral, mas a falta de desses profissionais contratados para trabalhar na Rádio USP e também no Portal, conforme os entrevistados dessa pesquisa revelaram, é um grande entrave para o desenvolvimento do trabalho de divulgação. Uma das saídas encontradas, segundo os depoimentos, foi a contratação de estagiários de jornalismo por meio de bolsas, um custo bem menor que a contratação de profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criada em 1934, a USP é um manancial de ciência e conhecimento. Afinal, possui 249 cursos de graduação em todas as áreas divididas em 42 Unidades de Ensino e Pesquisa com mais de 58 mil alunos. Além disso, está dividida no estado de São Paulo nos campi das cidades de São Paulo, Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, Santos e São Carlos.

Para divulgar toda a produção científica da Universidade, além de todo o serviço prestado à comunidade, a Universidade conta com dois meios de comunicação. O portal online Jornal da USP e a Rádio USP, que são utilizados para divulgar a própria Universidade e as pesquisas científicas desenvolvidas dentro dos campi. Por isso, ambos os veículos são essenciais para a prestação de contas, já que a Universidade de São Paulo é pública, ou seja, indiretamente recebe dinheiro da população.

Por outro lado, é papel da Universidade desenvolver a pesquisa, ensino e extensão e com isso, promover mudanças sociais onde ela está inserida. Neste sentido, tanto a Rádio USP como o Jornal da USP são meios de comunicação que visam além de levar informação à população, promover também a educação e, assim, praticar o pilar da extensão.

Neste trabalho, o veículo rádio foi escolhido por ser um dos meios mais antigos e mais completos, pois consegue realizar a transmissão de informação e conhecimento através da fala, permitindo que todos que falam o idioma tenham acesso. Outra vantagem importante é que o veículo permite ao ouvinte realizar outras tarefas enquanto escuta a programação. Por esse motivo, é muito comum no trânsito e nas realizações domésticas. Além disso, esta pesquisadora também atuou como estagiária na Rádio USP por dois anos, o que inspirou a escolha pelo objeto de estudo e que depois foi complementado com informações e contextualizado por meio de levantamento bibliográfico e entrevistas em profundidade com os profissionais que trabalham na Rádio.

Entende-se que uma rádio universitária/educativa é perfeitamente capaz de divulgação, conhecimento e informação de qualidade. O veículo, conforme levantamento realizado nesta pesquisa, tem função primordial na divulgação de pesquisas acadêmicas e aprofundamento de temas do cotidiano. Por isso, em 1977 foi fundada a Rádio USP em São Paulo e em 2004 chegou à Ribeirão Preto.

Em 2016, a Rádio USP passou por um processo de integração das produções de São Paulo e Ribeirão Preto, que permitiu unir forças entre os profissionais das duas redações e

ampliar a cobertura informativa da Rádio. Como a integração ocorreu efetivamente em 2017, observou-se que a equipe ainda precisa adaptar-se e buscar novos formatos para divulgar a ciência e aprofundar temáticas. Conclui-se também que a programação da Rádio ainda possui muito conteúdo informativo e pouca música, por isso precisa encontrar o equilíbrio para que o ouvinte consiga encontrar entretenimento além de informação.

No campus da USP em Ribeirão Preto há um grande fluxo de notícias para a produção de programas, matérias jornalísticas e colunas com diversas Faculdades, Escolas e serviços prestados, mas apesar de todo esse conteúdo, um fator prejudicial para a produção da programação da Rádio, conforme apontado como resultado deste estudo, é a equipe reduzida de apenas 3 jornalistas. Por esse motivo, os estagiários de jornalismo são muito utilizados na elaboração de conteúdo para a Rádio, mas a falta de experiências e amadurecimento profissional geram textos menos elaborados. Além disso, as tarefas realizadas pelos estagiários exigem maior tempo dos poucos jornalistas na revisão textual, que necessita de atenção especial na transformação do texto científico para o texto jornalístico. Somada a essa realidade encontrada na Rádio USP em Ribeirão Preto, existe o jornalismo científico que é praticado pela equipe local e que exige qualificações importantes para que seja realizado com êxito, conforme também mencionado ao longo deste estudo. Portanto, há pouco tempo para a elaboração de material informativo em detrimento ao grande fluxo de conteúdo produzido no campus.

Quanto a relação entre os pesquisadores e os jornalistas, é possível concluir que tem evoluído com o tempo. Na Universidade, os princípios básicos para o bom relacionamento é o respeito e o trato com o pesquisador ou professor. Neste sentido, é importante ressaltar que o resultado é a grande proximidade entre eles, que proporciona entrevistas fornecidas por telefone no aeroporto, em viagem e até em casa. O veículo já é conhecido pela comunidade da USP e possui funcionários com muitos anos de trabalho. Desta forma, são pontos que devem ser levados em consideração para explicar a relação de confiança existente entre eles.

Um dos recursos utilizados pela equipe é a integração entre o Portal e a Rádio. Assim, todas as produções da Rádio USP vão para o Portal com texto e áudio anexado. Com isso, a equipe encontrou uma forma de amplificar o conteúdo que antes era exclusivo da Rádio permitindo que o ouvinte baixe programas, colunas ou matérias. Essa estratégia de unir os dois veículos e fazer a convergência da Rádio USP para o Portal, revelou-se importante a partir do momento que foi possível medir o alcance de audiência da Rádio via Portal. Afinal, a Rádio USP não participa de pesquisas de audiência por questões financeiras, já que os

custos desse tipo de pesquisa são elevados. Não conhecer o ouvinte é um fator prejudicial para a equipe, que foi revelado neste estudo, e isso resulta no pouco aproveitamento de produção de conteúdo específicos para o público da Rádio.

No jornalismo da Rádio USP é utilizada a divulgação de pesquisas científicas e o aprofundamento de temas do cotidiano com especialistas, pesquisadores e professores da Universidade, mas o que foi apontado na pesquisa, é a necessidade de equilibrar esses conteúdos para que a programação não fique tecnicista e possa atingir um público maior.

Conclui-se então, que este Trabalho de Conclusão de Curso é importante porque revelou de que forma é realizado o jornalismo científico dentro da Universidade de São Paulo, especificamente nas produções da Rádio USP no Campus de Ribeirão Preto. Além disso, permitiu conhecer as qualidades e dimensionar quais são as dificuldades e desafios encontrados nesta área. Neste sentido, este estudo pretende ser mais um conteúdo no auxílio pela busca mais adequada de comunicação na transmissão de conteúdos científicos e que possa servir como fonte de pesquisa de jornalistas e futuros pesquisadores da área.

REFERÊNCIAS

ABERT. **Tudo que você precisa saber sobre rádio e televisão: licenças, outorgar, taxa de penetração, receitas, audiências e receptores**. 2015. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/bibliotecas/2013-05-22-13-32-13/item/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-radio-e-televisao-licencas-outorgas-taxa-de-penetracao-receitas-e-receptores > Acesso em: 25 dez. 2018

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **Rádio Universitária: vetor de comunicação científica entre o especialista e o radiouvinte.** Publicatio UEPG: 2003. Disponível em: <http://177.101.17.124/index.php/humanas/article/view/490> Acesso em: 1 mai. 2018

BERTOLLI FILHO, Claudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2006. Disponível em: < http://bocc.ufp.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf> Acesso em: 24 de ago. 2018

BOIS, Marlene. **Rádio Educativo no Brasil: uma história em construção**. Portal Intercom. 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/125264023715941274770374088408981912085.pdf> Acesso em: 25 abr. 2018.

BUENO, Wilson da Costa. **A divulgação da produção científica no Brasil**: a visibilidade da pesquisa nos portais das universidades brasileiras, 2014. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/36340> Acesso em 30 de ago. 2018.

_____. **Comunicação científica e divulgação científica**: aproximações e rupturas conceituais. Informação e Informação, v. 15, n. Esp., p. 01-1001, 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000009517/d17dcf39aee2e6732da0aca83858ab71/> Acesso em: 4 de set. de 2018.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros:** Percepção pública da C&T no Brasil 2015. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/percepcao_web.pdf/47ab69a2-bee7-4be1-aeab-c5ae4e9bedde?version=1.4> Acesso em: 29 mar. 2018.

CNPq. **O CNPq**. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao_institucional/> Acesso em: 28 ago. 2018.

DE AMORIM, Luís Henrique; MASSARANI, Luisa Medeiros. **Jornalismo científico**: um estudo de caso de três jornais brasileiros. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rbect/article/view/225> Acesso em: 25 de ago. 2018.

DE OLIVEIRA, Fabíola. **Ciência e tecnologia na comunicação social de instituições governamentais**. 1998. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7dcc29531a7fa48c7e03f426d04bbc63.PDF> Acesso em 27 ago. 2018

DE OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo Científico**. Editora Contexto: São Paulo, 2002.

DEUS, Sandra de. **Rádios universitárias públicas : compromisso com a sociedade e com a informação**. Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre: 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/129315> Acesso em: 1 mai. 2018

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. Atlas: São Paulo, 2012.

FUNDAÇÃO CAPES. **História e Missão**, 2008. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/historia-e-missao> Acesso em> 30 ago. 2018.

GOVERNO DO BRASIL. **Conheça as instituições de fomento à pesquisa no País**, 2010. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2010/09/conheca-as-instituicoes-de-fomento-a-pesquisa-no-pais> Acesso em: 28 ago. 2018.

GRUPO DA MÍDIA, São Paulo. **Mídia Dados 2017 e MDi. São Paulo**, 2017. Disponível em: <https://www.gm.org.br/midiadados> Acesso em: 19 mai. 2018

JORNAL DA USP. **História da Rádio USP**, 26 de abril de 2016. Disponível em: <http://jornal.usp.br/radio-usp/historia-da-radio-usp/> Acesso em: 24 de outubro de 2018.

_____ **Relatório confirma liderança da USP na ciência brasileira**. Disponível em: <http://jornal.usp.br/universidade/relatorio-confirma-lideranca-da-usp-na-ciencia-brasileira/> Acesso em: 28 mar. 2018.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. Editora Contexto: São Paulo, 2004

PIÑEIRO, Teresa ; RAMOS, Fernando. **Rádio universitárias na Web 2.0: perspectivas e potencial**. FACOS/UFSM: 2011. Disponível em: <http://ria.ua.pt/handle/10773/4277> Acesso em: 16 mai.2018.

PORTAL FOLHA DE S. PAULO. **Brasil aumenta produção científica, mas impacto dos trabalhos diminui.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1927163-brasil-aumenta-producao-cientifica-mas-impacto-dos-trabalhos-diminui.shtml> Acesso em: 28 mar.2018.

PORTAL USP. **80 anos de excelência**. Disponível em: <http://www5.usp.br/institucional/a-usp/historia/> Acesso em: 28 mar. 2018.

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil**. Da Boa Prosa: São Paulo - SP, 2012

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Portal Intercom. 2008. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/webradio_novos_generos.pdf> Acesso em: 15 mai. 2018.

RECH, Gisele K. **Redação jornalística**: apontamentos para a produção de conteúdo. InterSaberes: Curitiba, 2018.

SANTIAGO, Gil; REZENDE, André Luís. **PRA-7: a primeira rádio do interior do Brasil**. 2. ed. São Paulo, 2004.

SBPC. **História**. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/a-sbpc/historico/historia/> Acesso em> 28 agos. 2018.

TEIXEIRA, Marcelo M. e SILVA, Bento D. **Rádio Web & Podcast: Conceitos e aplicações no ciberespaço educativo**. Icono 14: 2010. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13649> Acesso em: 17 mai. 2018.

USP Ribeirão Preto. **História**. Disponível em: <http://ribeirao.usp.br/?page_id=3540> Acesso em: 24 de outubro de 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** Planejamento e Métodos. Tradução de Daniel Grassi. 3. ed. Bookman: Porto Alegre, 2005.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista 1

Rosemeire Aparecida Soares Talamone, jornalista e supervisora de estágio da Superintendência de Comunicação Social Polo Ribeirão Preto da USP.

Entrevista, realizada no dia 4 de agosto de 2018 por Giovanna Grepi na residência da entrevistada em Ribeirão Preto-SP.

Rose, na sua opinião, qual é a importância da divulgação das pesquisas realizadas na Universidade, principalmente da Universidade de São Paulo?

Divulgar faz parte do tripé da Universidade, né? Eu vejo como dentro dos trabalhos de extensão, porque é o ensino, a pesquisa e a extensão. E o divulgar está dentro da extensão e é um dos compromissos que a Universidade assumiu quando foi criada. Como ela é uma instituição de ensino, que poucas pessoas tenham acesso, eu acho que através da divulgação ela também pode educar. A Universidade também acaba tendo esse papel de educar através da divulgação. Então, eu acho que é basicamente isso.

E para o pesquisador, do ponto de vista de quem está pesquisando, seja o professor ou o aluno?

Prestação de contas. E ele é um educador também através da divulgação. De um tempo para cá, eu vejo que as próprias agências de fomento e a própria gestão, os gestores da Universidade, enxergam essa divulgação como uma prestação de contas. Em épocas de muito dinheiro é fácil, que a economia está andando bem, né? Mas quando a economia patina e que os recursos acabam sendo minguados, a cobrança vem muito forte dos gestores. "Pra onde tá indo esse dinheiro?". Então, é também uma forma de justificar ao divulgar o que está sendo feito. Porque não é pouco dinheiro que é investido na Universidade, então, eu vejo também como uma pressão política aí. Uma pressão da população em saber o que está fazendo com o dinheiro que ela destina para a manutenção da Universidade.

E quais são as dificuldades de trabalhar com a divulgação da ciência dentro da Universidade?

Eu acho que é o docente se conscientizar disso. Falta gente especializada para divulgar, por exemplo em Ribeirão, hoje, atualmente, duas pessoas para divulgar tudo o que se faz de forma

geral. Pra mim é inadmissível ficar em duas pessoas para divulgar um Campus desse tamanho. Tem os nichos como a Thais no IEA e o HC, que trabalham mais o dia a dia, não trabalham com a divulgação de ciência, por exemplo, muito pouco. O Hemocentro tem o Eduardo. Então, em alguns nichos tem, mas eles trabalham muito voltados para aquele nicho deles.

O que sobra que é 98%, nós somos em duas pessoas. Então, eu acho que falta gente, falta essa conscientização de que precisa por pessoas para ajudar a divulgar e falta profissional especializado. E também falta um treino para o docente para ele sair do tecnicismo dele e aprender a falar com as pessoas comuns. Porque sempre tem um jeito de você falar de uma forma mais simples, mas eles passam anos a fio escrevendo papers que eles sentem essa dificuldade também. Então, podia também investir nisso.

Tem muita coisa para fazer nessa área, muita coisa, mas as pessoas não enxergam a divulgação como essencial. Elas não enxergam. Já escrevi um texto sobre isso. As pessoas não vêem a divulgação, principalmente, na gestão pública que não para fins político, ela não vê a divulgação como essencial. Então, isso dificulta um pouco o trabalho da gente. Mas eu acho que por outro lado mudou muito, era muito pior. Eu acho que de um tempo para cá mudou muito.

O que era pior?

As pessoas divulgavam menos e tinham mais receio de jornalista. Eu vejo que isso está mudando. A própria postura das agências de fomento, dos gestores, né? Que tem entrado gestores, na USP pelo menos, que enxergam isso como fundamental. Uma coisa que acontece muito é que tem muita divulgação de ciência para fazer e eu vejo uma pressão muito grande às vezes para divulgar a política universitária. E muitas vezes o público que está lá fora financiando a gente não quer saber da política universitária. O grande compromisso deve ser com a pesquisa, com o ensino, com a pesquisa.

E você sente que as pessoas estão buscando saber?

Estão. As pessoas se interessam por ciência, gostam de saber mais sobre ciência… Dá para perceber pelo Saúde sem Complicações. Nós soltamos uma matéria sobre vacina, escreveu uma mulher de São Paulo fazendo tanta pergunta e ela não é da área, é uma dona de casa. Nós fomos até saber. Ela queria saber se os conservantes que têm na vacina fazem mal, porque ela já ouviu falar que faz mal.

Dúvida de uma que é da população de modo geral, né?

É, é da população. E a falta de informação correta, porque tem muita coisa de ciência sendo divulgada, mas pouca coisa com qualidade. Então, a falta de informação correta muitas vezes leva ao que tá acontecendo hoje, uma baixa substancial do número de crianças vacinadas. Os pais passaram a não acreditar mais na vacina. Por que? Porque falta informação. Aí tem muita gente que fala "Não, eu não vacino, porque eu tenho medo do mercúrio que tem nas embalagens para preservação da vacina." Eu já ouvi isso. Já ligaram para a gente para saber isso. Então, também a Universidade tem o papel atrás disso.

Então vocês têm a demanda do próprio público buscando temas?

Exatamente. Não é só a informação, divulgar ciência não é só divulgar informação, é educar também.

E não é só novidades na área, às vezes é para alfabetizar cientificamente aquelas pessoas?

É, é educar mesmo cientificamente. Educação. Quando você é educado, você é alfabetizado daquilo tem um monte de coisa que você vai deixar de fazer. Você vai cuidar da sua saúde quando você sabe que alguma coisa pode te trazer riscos, então, é questão de educação também. Não só de informar.

E aqui a maioria dos programas é voltada para saúde?

A maioria sim, mesmo quando a gente fala da FEA, que é muito forte em agronegócio. Mas também é muito forte em gestão pública e a FEA é muito forte em gestão pública voltada a área da Saúde. Essa semana a gente está divulgando um evento que fala sobre a diferença entre, que me chamou até a atenção, a atenção primária e a atenção básica à saúde. Atenção primária é diferente de atenção básica. Em países do primeiro mundo, o que fica é a atenção primária. E no Brasil é a atenção básica, que é o tratar. Quando você valoriza mais a atenção básica do que a primária você corre o risco de fazer o que está acontecendo no Brasil. Você atinge 45% só do público alvo, só 45% das pessoas tem resolvidas as situações dela em uma atenção básica, porque você não prioriza a atenção primária. Atenção primária é a que vai fazer a gestão do atendimento da saúde. E quando esse atendimento é bem feito e encaminhado corretamente, 100% das pessoas são atendidas. Você investe em prevenção e

resolve na base, não sobrecarregando a atenção secundária e terciária. Os tratamentos são mais rápidos. Então, tem uma diferença. O Brasil privilegiou de tratar todo mundo na atenção básica. E não fazer a gestão na atenção primária. Então, o que que acontece? Os postos de saúde ficam lotados, os prontos socorros ficam lotados, o SUS funcionou? Funcionou no papel, ele é lindo, mas quando vai priorizar, não prioriza a atenção primária. Passa ser ela a atenção básica.

Então, não é só falar de saúde no processo saúde doença, é falar sobre saúde nos seus mais variados aspectos. Não é só divulgar a Faculdade de Medicina, Odontologia, tem as questões da Farmácia, o Pílula Farmacêutica, um boletim fantástico. Dá dicas fantásticas, então, é tudo isso que move essa paixão que eu tenho de divulgar.

Esta semana vi um material de uma pesquisadora de Madri, da Espanha, fazendo uma crítica ao nosso SUS. Que é lindo no papel e porque que não avança e as pessoas não são bem atendidas em uma coisa que é tão bem estruturada do ponto de vista teórico. Em Madri, eles passaram a fazer esse tipo de gestão. E hoje, eles têm uma cobertura de 100%. Deu pra entender a diferença? É muito bacana. E em Ribeirão, aqui tem um pessoal aqui da Medicina, da Fisioterapia junto com a FEA que eles estão fazendo um mapa desse atendimento, essa atenção primária no Brasil e atenção básica. A gente chama a atenção primária aqui de atenção básica. E eles estão fazendo um mapa disso e os resultados vão sair agora. Achei muito bacana. Então, passa a identificar onde está o problema.

E Rose, você estava falando da relação do pesquisador com o jornalista na divulgação. Quais são as maiores dificuldades dessa relação?

Com a gente não tem muito, eu vejo bem pouco. Podia ser pior. Mas eu vejo que o tempo do pesquisador é diferente do tempo do jornalista. A gente faz assessoria, o jornalista, quando liga pedindo alguma coisa quer para aquele momento. O pesquisador, o tempo dele é 20 anos de pesquisa né, ele faz 10, 20, 30, 40 anos de pesquisa. Nem sempre ele pode atender o jornalista naquele momento. Existe aquilo do jornalista entender que o pesquisador não é só pesquisa, ele está dando aula ou ele está em uma banca que vai o dia todo.

E tem o outro lado, do pesquisador não ter a sensibilidade de entender que o jornalista precisa naquele momento. Não existe jornal amanhã. Amanhã ainda não tem notícia, você pode até programar alguma coisa para amanhã, mas a notícia é hoje. Ele precisa daquilo hoje. Então, existe a temporalidade de cada um. Isso é uma coisa difícil de entender. “Ô rose, vocês me mandaram, mas eu não posso responder. Posso responder segunda-feira?” “Não pode, ele

precisa, tem deadline, sabe o que é deadline? Deadline é o tempo que ele tem para fechar aquilo, se não outro veículo vem e passa na frente dele." mas eu nem falo mais isso, eu explico, olha, não dá, ele precisa para hoje, tá fechando, tem um editor atrás dele. Então, essa questão do tempo é um dos problemas.

O outro problema é entender a linguagem. Alguns pesquisadores continuam falando como se estivesse falando com o colega dele do lado. E não é. E tem gente que escreve que nem o colega entende. Eu já vi coisas escritas em algumas áreas bem áridas como física e matemática, que nem o colega de área não entende. Se é difícil para quem é da área, imagina pra quem não tem conhecimento do assunto. É pior ainda e tem essa questão. Surge aquelas coisas meio, eu falo.. Dá pra você pedir para o pessoal mandar para eu ler antes? Quem vai devolver? Uma Folha de São Paulo, um Estadão não devolvem.

Nós trabalhamos para a Universidade, então, a gente volta. No começo voltava e era muito corrigido. Essa coisa de voltar começou comigo, mas eu era muito nova fazendo aquilo e não é minha área de domínio, então, eu comecei a devolver. Hoje eu devolvo, para ver conceito mesmo, mas correções que vem são muito poucos. Nos últimos cinco anos, eu só tive um texto que a pessoa virou do avesso e eu ainda tive que reescrever quando ele virou do avesso. Porque a pessoa não conseguiu me passar de uma forma clara. E eu fiz alguma coisa meio, um texto meio que frankenstein, e eu mandei de volta e aí ele corrigiu inteiro e eu tive que reescrever em cima daquilo que ele corrigiu. Então, eu acho que nos últimos anos foi um texto que isso aconteceu. No começo acontecia de ter muita correção, de conceito, mas hoje eu aprendi os conceitos, na maior parte deles eu aprendi.

Você acha que esse embate é muito por causa da falta de experiência do jornalista?
É, também é. No trato. E o docente quando ele novo também, o pesquisador quando ele é novo, quando chega da academia. Apesar, de que hoje, quando ele está na pós-graduação, ele já começa a divulgar, o que não acontecia antes. Então, quando ele chega e é contratado como docente, como pesquisador, ele já tem uma certa experiência.

E como é esse desafio? Por exemplo, na USP tem a parte da saúde, mas a área é enorme. Como o jornalista se prepara para entender de tudo?
Não precisa entender de tudo, é o que eu bato todos os dias. O jornalista não precisa ser um especialista em biologia, não precisa ser especialista em medicina. Ele precisa entender o

mínimo daquilo. Ele precisa conhecer os conceitos básicos de biologia: o que é célula-tronco, o que é um DNA, que até hoje eu confundo muitas vezes quando aprofunda um pouquinho, eu confundo. Você lembra bem disso né? Então, você precisa ter uma visão geral disso, saber o conceito básico, quando você sabe os conceitos básicos, você consegue transmitir isso. É a mesma coisa de você saber o nome científico do sal. Não precisa usar o nome científico, você usa o sal, o sal de cozinha.

Para você, qual é a diferença de falar sobre ciência na rádio e escrever para o portal?
Eu sempre acho e já bati nessa tecla com a USP, é que eu acho o jornal da USP muito técnico, muito acadêmico. E eu tenho falado isso ao longo dos anos, mas hoje o Serrano prestou atenção. Eu acho que o jornal da USP é muito técnico.
Você sabe que eu estou chegando à conclusão, apesar da rádio ser um pouco mais rápida, você ter que falar um pouco mais rápido, um pouco mais claro e mais objetivo, eu estou começando a chegar a conclusão. Isso é uma coisa minha tá? A linguagem que você deve usar na internet, não pode ser muito diferente da de rádio. Porque na internet é tudo muito rápido. Na internet as pessoas passam batido, elas precisam ler também rapidamente, porque tem muita coisa pra ver.
E outra a internet você também não pode usar uma linguagem muito técnica. Eu não estou vendo muita diferença entre a linguagem de rádio e de internet. Tem diferença coloquial, assim, na palavra. Mas não em conteúdo. A rapidez que você tem que ter na rádio, a objetividade, porque as pessoas vão gravar quando você é objetivo. Eu estou vendo que você precisa ser na internet também. Eu não estou vendo mais diferença nessas duas linguagens. Não estou mesmo. Tem gente que pode me chamar de maluca, mas quando eu vejo a gente fazendo alguma coisa ali pra rádio, tem hora que eu acho que a gente exagera, que as coisas da Rádio USP são muito longas, acho que a gente precisa ser mais rápido. Eu faço parte disso também. Mas quando eu vejo que vai para o site, eu vejo que cai melhor do que aqueles textos longos que a gente faz de 500 caracteres, eu acho que 300 caracteres está de bom tamanho, 200 está de bom tamanho.
Isso. Eu estou fazendo uma coisa com os meninos estagiários agora que é dividir um pouco. Se aparece uma outra informação, cria outra notícia. Textos longos, deixa para os historiadores, para quem precisa dessas informações. Mas a informação do cotidiano, coisas informativas, educacional, vamos ser mais rápidos.

Você acha que o ruído pode ser diminuído nessa objetividade?

Eu vejo que sim. Eu vejo cada dia mais que essas linguagens vão se fundir. Não sei se existe estudo disso. Tenho tido essa devolutiva dos ouvintes da rádio. Por mais que você explique no texto, as pessoas não leem até o final. Elas não leem.

O que muda nas produções do jornalismo científico?

O jornalismo científico vem com a pirâmide invertida, ele traz primeiro o resultado daquilo que você quer falar. Ou no mínimo traz o benefício que aquilo pode trazer para as pessoas. Quando você vê lá fora no jornal uma divulgação científica começando com um personagem, na verdade ele está mostrando o benefício que aquilo está trazendo na prática. Não é diferente daquilo que a gente faz, a diferença é basicamente é essa. A primeira informação que ele tem que dar é o que aquilo vai mudar na vida das pessoas. E como foi feito você discorre depois.

E os desafios da produção para o público leigo?

É a relação hoje aonde tem assessoria/jornalista/assessoria/pesquisador, esse é o desafio. A gente tem que fazer esse intermediário. Então, o desafio para nós é fazer essa ponte. Com a rádio o nosso grande desafio é entreter, educar e informar.

O que você acha que é o equilíbrio?

Eu acho que dá pra fazer entretenimento educando. Dá pra fazer. Tanto o informar como o educar, dá pra fazer entretendo. Você pode entreter, mostrar uma música, por uma música gostosa para a pessoa ouvir e ao mesmo tempo educar. Fala como ela foi criada, em que contexto, quem é o compositor…

Como chegam as pautas para o rádio?

A pauta para o rádio a gente busca. Uma coisa que eu tenho batido muito é que tá faltando repórter. Repórter tropeça em pauta, ele não copia. E hoje, se você abrir o UOL, o G1, BBC… Eu só não vejo muito no Nexos, eles criam muita pauta. Você não vê, difícil você ver uma pauta diferente. Se você andar, você descobre pauta. Se você observar as coisas que estão ao seu redor, você descobre, você vê pauta.

Temos dois tipos de pauta: demanda espontânea, as pessoas, o pesquisador, o departamento

ou o gestor mandam. Nós temos uma outra forma, para rádio especificamente, a gente busca as pautas. Toda terça-feira tem reunião de pauta, cada um vem com a sua contribuição para a reunião. Algumas chocam com o que o pessoal de São Paulo está fazendo, mas normalmente o que traz de pauta cada um faz a sua. São pautas sobre aquilo que está acontecendo no mundo, o dia a dia da sociedade, pautas que estão na boca de todo mundo. E também ás vezes surge alguma coisa nova.

Normalmente, nos programas também são assuntos do cotidiano?
Mais do cotidiano. Agora o portal não, normalmente a gente vai atrás daquilo que está sendo feito na Universidade, quando não chega.

Você trabalhou fora da USP? Quais são as diferenças?
Fiz estágio fora na TV, rádio e jornal. A diferença é muito grande. A gente tem um papel mais como assessor de imprensa. Não tem um papel de grande imprensa. Apesar de que as vezes, a gente foge um pouco de ser só assessor.

O que você acha que poderia ser melhorado na rádio?
Eu acho que a Rádio USP tem que avançar muito, ainda está encontrando o caminho dela. Antes, em Ribeirão agora, ainda tinha programação separada entre Ribeirão e São Paulo.

Desde quando está integrada?
A integração começou na metade de 2016 e está totalmente integrada desde 2017. Só Ribeirão e São Paulo, mas a USP pretende ter em outros campis também. A Rádio em Ribeirão começou a funcionar em 21 de dezembro de 2004. Tem 18 anos.
Tem jornalismo, tem boletim de notícias, tem boletim de saúde, tem colunista, acho que ainda está um pouco colcha de retalhos. Tem pouca música, eu gostaria que tivesse mais. E mais músicas com informação, mas eu ainda acho que ela vai encontrar o lugar dela.

Na parte de informação, você acha que ela consegue transmitir bem?
Consegue, a USP está conseguindo. Tanto que ela está virando um pouco de pauta para outras rádios e TVs até de abrangência nacional. Ela acabou virando rádio-escuta para outras emissoras.

Eu só acho que ela ainda não conseguiu esse equilíbrio, de muita informação e pouca música, e em alguns momentos é muita música e pouca informação. Eu acho que tem determinados momentos do dia que ela ainda não encontrou esse equilíbrio. Porque música também é informação e educação. E a proposta dela de música é muito bacana no ponto de vista cultural e educacional. E ela ainda não está usando bem esse espaço, mas eu ainda acredito que vai encontrar, é um processo de mudança que vai chegar lá.

Como funciona a integração São Paulo e Ribeirão?

Quando a programação não estava completamente integrada, a gente funcionava aqui um pouco mais independente de São Paulo. A gente tinha oito horas de programação e o restante do dia, as outras 16 horas, a gente usava programação de São Paulo.

Quando veio essa proposta de integrar essas duas emissoras, para que o que a gente produzia aqui também fosse para São Paulo.

Além disso, muita coisa em determinado horário que tinha em São Paulo aqui não era exibido. Com a integração, tudo que é exibido em São Paulo é exibido aqui e tudo que é exibido aqui é exibido em São Paulo.

Com exceção do boletim cultural por ter informações específicas da cidade de Ribeirão Preto e outras para São Paulo, não foi integrado. Porque não faz sentido falar de um evento que vai ter hoje no teatro Pedro II para o pessoal de São Paulo. Então, só esse momento que é integrado. Meia dia e meio, ao vivo daqui só pra cá e em São Paulo só pra eles.

Rose, como você vê o jornalismo científico da Rádio USP em Ribeirão?

Em Ribeirão, acho que nós somos um pouco pioneiros. Eu via algumas informações, mas as emissoras repetiam ou repercutiam o que estava na grande imprensa ou o que a gente divulgava. Nós viemos com a proposta de passar informação em primeira mão daquilo que estava sendo produzido na Universidade ou repercutir alguma coisa que estava acontecendo fora na Rádio USP com um especialista.

A gente foi meio que pioneiro em Ribeirão, não tinha a CBN com os programas dela de saúde. Nós começamos esse processo. Tinha algumas coisas, mas não era tão forte. Foi bacana, porque escolas públicas começaram a ligar para a gente para pedir programa, as professoras começaram a ligar para pedir informação sobre aqui. Quer dizer que era carente em Ribeirão.

Eu vejo que dá pra gente melhor, vejo que tem coisas específicas de gestão pública que a Rádio pode contribuir mais, pode levar mais informação para o cidadão. Mas a Rádio USP tem um problema hoje que ainda precisa ser equacionado que é a questão do alcance. A USP já está trabalhando nisso, mas tem locais em Ribeirão que não pega a Rádio USP, mas ao mesmo tempo pega em Sertãozinho, em Cravinhos.. Então, é uma coisa que a Universidade ainda precisa equacionar.

Por isso também uso o recurso do online?

Exatamente. A proposta de tudo que vai para a Rádio virar notícia no portal também foi bacana. Essa é uma proposta que veio com o professor Eugênio Bucci. É bem bacana integrar o Jornal da USP com a Rádio. Tudo que sai na Rádio USP tem um post lá no portal. Isso tem dado um retorno muito bacana. E se você não conseguiu ouvir, você abre o portal e sabe que vai estar lá.

Quais são as produções de coluna em Ribeirão?

Tem Minuto do Cérebro, Reflexão Econômica, Fique de Olho e Ciência e Esporte. Na coluna os professores escolhem um tema e o jornalismo apoia na produção.

E de programa?

Tem o USP Analisa, Ambiente é o Meio, Saúde sem Complicações, Revoredo. O Revoredo entra, porque cultura e ciência estão ligadas, ainda mais na música, Ele não só toca, ele conta a história do compositor, do intérprete. Os Ambiente é o Meio é apoiado pela Superintendência de Gestão Ambiental, Filô, programa USP Recicla e os professores produzem. Já o Saúde sem Complicações é a locutora Mel Vieira e um estagiário que produzem e falam do processo saúde doente. O USP Analisa é realizado pelo IEA e é mais reflexão, mais gestão política. As notícias são muito rápidas. Quando a gente vê que é um tema que pode ser aprofundado a gente passa para os programas

Tem os boletins também?

Tem o boletim em Dia com o Direito, Pílula Farmacêutica e Anatomia Responde. São feitos pelos alunos, só o Anatomia que um professor é responsável. Tudo vai para São Paulo, ou vai para o Jornal da USP de manhã, das 7h30 às 9h30, ou entra nos boletins durante o dia, que

entra às 11, 14,15 e 16 horas. E de sexta, meio dia tem boletim só de Ribeirão, que fala sobre eventos específicos do campus, por exemplo.

Entrevista 2

Márcia Blasques, diretora de redação da Superintendência de Comunicação Social da USP, atua em São Paulo.

Entrevista, realizada no dia 11 de agosto de 2018 por Giovanna Grepi por chamada de vídeo via WhatsApp.

A USP é uma das principais Universidade do país e do mundo. Qual é a importância pra você desta Universidade divulgar a ciência?

Bom, eu acho que a gente tem que considerar antes de mais nada que a USP é uma das principais universidades do mundo, mas antes de tudo é uma universidade pública. O dinheiro, que é utilizado para realizar pesquisas, vem da sociedade, vem da população, da sociedade paulistana. No nosso caso, especificamente, fazer jornalismo científico é antes de qualquer coisa ajudar a USP a prestar contas para a sociedade do dinheiro que é gasto lá. A partir do momento que a gente faz uma matéria de ciências e a gente divulga isso e mostra para o maior público que a gente consegue alcançar como aquilo está se desenvolvendo, os resultados que aquilo está alcançando, a gente está mostrando para a sociedade que a USP está sim retornando o que se espera dela, o que foi investido nela.

Pela Superintendência, vocês conseguem ter ideia de como esse jornalismo é visto pela população, acesso, pautas mais acessadas e mais ouvidas, essa quantificação vocês conseguem ver pelo portal, né?

Isso, a gente usa o Google Analytics para medir a audiência do portal. A gente infelizmente não consegue medir a Rádio USP, a gente não tem contratos com o IBOPE por questões de custo. É um custo elevado, mas pelo jornal a gente consegue medir. Hoje, o Jornal da USP tem um milhão e meio de acessos/mês. A questão da rádio a gente consegue medir a questão de retorno, acaba muitos jornalistas de outros veículos entrando em contato com a gente em busca da fonte da matéria que a gente fez. Então, a gente vai meio que por esse caminho. Uma das coisas que a gente gostaria muito de fazer, mas a gente ainda não teve condições é contratar uma clipadora eficiente, que a gente pudesse mensurar melhor o retorno. Mas, por exemplo, a gente cadastra alertas do Google para as nossas matérias. A gente percebe que

muitos dos nossos materiais são usados pela mídia nacional e de vários locais do Brasil. Em geral, é copia e cola.

Qual é o seu trabalho na USP? Qual é a sua rotina?

Eu faço a ponte entre a redação e a área administrativa. Então, eu gerencio toda a operação do Jornal. Da Rádio menos, porque a Rádio eu deixo mais nas mãos da Cinderela a parte do jornalismo. Mas eu supervisiono o que está acontecendo. No Jornal, a minha atuação é mais efetiva mesmo, controlando fechamento, fechamento de home. E eu cuido também mais da parte administrativa da superintendência.

Como você vê a rádio? O que ela pode melhorar e o que ela tem de muito bom que deve continuar? Como você avalia isso?

Eu acho que a gente tem algumas vantagens. A gente tem uma vantagem em relação às rádios comerciais, porque a rádio USP não existe para agradar o IBOPE ou em busca de IBOPE. A gente não está buscando isso, a gente não está buscando aumentar a audiência. Claro que é bacana aumentar, mas a gente não vai a qualquer custo fazer isso. Então, a gente consegue, por exemplo, escolher melhor as nossas pautas, tem uma liberdade editorial que na mídia fora você não necessariamente consegue ver. Isso é uma grande vantagem que a gente tem.

A nossa desvantagem é que a equipe é ultra pequena tanto em São Paulo como Ribeirão para cobrir um universo que é a Universidade de São Paulo. E a nossa equipe é pequena não só na questão de jornalistas, mas na questão dos operadores. E isso faz com que a gente não consiga fazer matérias tão elaboradas e tão bem acabadas para Rádio como a gente gostaria. A gente sabe que essa é uma coisa que a gente precisa melhorar bastante. Formatos de jornalismo de rádio, como contar melhor as histórias pelo rádio, principalmente em relação à ciência, não é uma coisa fácil de passar pelo rádio, conseguir uma profundidade adequada nos temas científicos. Isso são desafios com os quais a gente lida cotidianamente. Algumas vezes a gente resolve melhor que outras e isso é parte também do trabalho.

Colocar os áudios no portal e também um texto de apoio facilita para o público? Qual é a sua posição sobre esse ponto?

Na verdade, isso amplifica a potencialidade do nosso trabalho. Porque, por exemplo, você coloca na programação, tudo bem, ela vai ouvir se ela tiver sintonizada naquele momento. A gente sabe que a audiência do rádio é muito rotativa também. Então, assim, a chance do

ouvinte não ter escutado aquelas notícias é grande. Na hora que a gente coloca isso no portal e depois na newsletter vai pelos outros canais de distribuição que a gente tem, a chance dessa comunicação, dessa informação chegar ao público é muito maior.

Como você vê a integração entre Ribeirão e São Paulo?

Eu acho fundamental. Eu acho que a experiência que a gente tem com Ribeirão é super exitosa, é uma experiência que eu pessoalmente acho que a gente deveria repetir com todos os outros campis. Porque é o que eu te falei, a USP é um universo imenso, o que você encontra de pautas naquela Universidade, o que você encontra de coisas para fazer naquela Universidade… É um manancial infinito. E você ter uma equipe local bem estruturada como Ribeirão facilita esse fluxo de informação. Depois que a gente conseguiu essa integração melhor com Ribeirão a nossa publicação de matérias de Ribeirão ficou muito melhor. Então, a gente cobre Ribeirão muito melhor.

Até a questão de Ribeirão ser muito forte na área da Saúde, leva um pouco para a rádio como um todo, né?

Se a gente tivesse isso, por exemplo, em São Carlos a gente conseguiria repetir isso na área de tecnologia, porque São Carlos é forte em tecnologia. Em Piracicaba, na questão do agro, Então, se a gente conseguisse repetir o trabalho de Ribeirão, a comunicação da USP como um todo ganharia muito.

Então, você acredita que expandir a rádio é uma melhoria que você acredita que pode ser feita a longo prazo?

Eu acho. Eu acho que a rádio é um veículo super importante. Muita gente ainda, mesmo com a internet, se informa pela rádio. A rádio é um veículo meio que, é engraçado que, construiu meio que uma relação afetiva com as pessoas. Diferente do telejornal, de outras mídias… Então, você consegue passar informação para as pessoas meio que pegando pelo afeto do estar junto, talvez pela voz, não sei. São coisas que o pessoal que entende mais de rádio do que eu conseguir te explicar melhor, rs.

Entrevista 3

Cinderela Caldeira, editora de Atualidades da Rádio USP e Jornal da USP, que atua em São Paulo.

Entrevista, realizada no dia 7 de agosto de 2018 por Giovanna Grepi, por chamada de vídeo via WhatsApp,

Cinderela, para você, qual é a importância de divulgar a ciência estando dentro da Universidade?

Na minha opinião, divulgar ciência é importante em qualquer lugar que você esteja e estando dentro da Universidade é nossa obrigação. Porque nós conseguimos fazer o que tem de mais difícil na mídia, que é a divulgação científica. Que é um texto que você consegue traduzir a pesquisa do professor ou do pesquisador para uma linguagem que todos possam saber o que está acontecendo. Sem incorrer em erros. É de suma importância, em todas as áreas, tudo o que acontece na Universidade. Afinal de contas, independentemente do que é gasto nessas pesquisas, que é um custo altíssimo, mas é um custo que a sociedade consegue absorver isso em benefícios. Em avanços científicos. E esse é o nosso papel, o nosso papel é trazer isso para a sociedade.

E quais são as particularidades de um texto de jornalismo científico? E do texto de jornalismo científico para a rádio?

É, na verdade, os dois textos têm que ter clareza dentro de um tamanho pequeno. Por exemplo, pode escrever em 4 mil toques como era espaço aberto, que a gente tinha que falar a pesquisa dele traduzida para a realidade, mas em 4 mil toques. Você tinha o Jornal da USP, que você escrevia em 6 mil toques. Para a rádio, eu vejo diferenças de veículo, mas o raciocínio e a clareza tem que ser as mesmas. Então, você tem que ter perguntas específicas em que você consiga traduzir a pesquisa dele de uma forma real. Esse é o grande desafio do jornalismo científico. Você precisa entender o que ele tá falando e não ter medo de perguntar, não ter medo de perguntar. No jornalismo científico existem situações em que esse texto acaba voltando para o pesquisador, por conta de particularidades para você não cometer erros. Na rádio você não tem como fazer isso, mas você tem que encadear as ideias de forma que ele fique claro. Acho que eu estou sendo redundante, mas é trabalhar com clareza e concisão de ideias para que o que é difícil seja entendido ou no uso do vocabulário escrito ou na forma que você constrói a matéria para a Rádio. Porque os cinco minutos, quatro minutos da rádio equivalem aí aos 4 mil toques, é a forma como você constrói, é a forma como você pergunta.

Cinderela, o que você vê de desafio nesse trabalho? O que é o mais complicado no dia a dia e o que deve ter um olho atento?

Eu acho que o mais complicado de fazer divulgação científica é você ter a confiança do pesquisador. Porque quando você conversa com ele para fazer a matéria muitos vêm de experiências ruins da mídia fora e ele te olha com uma certa reserva. Depois da primeira matéria e como você se relaciona com ele para você desenvolver essa matéria

é que é o diferencial. Depois que ele tem a confiança em você todas as outras ficam mais fáceis. Ele até te ajuda, te oferece pauta, ele fica mais próximo de você. Então, eu acho que a maior dificuldade é você conseguir passar essa confiança para o pesquisador e fazer ele confiar em você. Feito isso, eu acho que tudo fica mais tranquilo. E é lógico que é o desafio de você fazer uma boa matéria para não decepcionar. Então você tem que ter muito cuidado ao escrever, ao preparar o texto, seja ele para o online, para o impresso ou para o áudio. Sempre muito cuidado e muita atenção.

Bom que você entrou nesse assunto da relação entre o jornalista e o pesquisador. Muitas pessoas colocam os dois em lados opostos. Como você vê a relação de hoje entre o jornalismo e os pesquisadores? Como era antes e como é hoje?

Na verdade, é um crescente. Bom, eu vou tocar em um assunto que eu acho que é importante. Vocês como jornalistas em começo de carreira têm uma visão do mundo um pouco romanceada, né? O meu ponto inicial, é exatamente isso, mostrar para vocês que estão começando que a gente precisa ter postura. E não é o estagiário que está falando com o professor, é o jornalista. O jornalista que foi pautado e que ele sabe o que ele está fazendo porque ele apurou.

Então, eu hoje com 30 anos de profissão e trabalhando sempre na USP eu tenho uma certa facilidade. As pessoas me conhecem e conhecem o meu trabalho. Quando você tem uma equipe e colocar as pessoas para trabalhar, as pessoas passam a respeitar por já conhecer o trabalho. Não só eu, tá? Todo mundo que trabalha com a gente. Todos já têm uma estrada na vida. E a gente tem percebido que a gente dá essa bagagem para vocês. E eu acredito que até você deva ter sentido isso, que no começo foi um pouco mais difícil, mas que depois foi fácil. Por que? Por conta da postura, por conta do desenvolvimento do que você foi fazendo e aí o pesquisador foi confiando, foi aceitando.

Mas eu acho que o principal desafio é exatamente isso saber que você tem que ter uma postura de jornalista frente ao pesquisador frente ao professor. E você está passando essa

confiabilidade para ele mesmo que seja a primeira matéria. Ele vai ficar com um pé atrás, mas ele vai aceitar, a partir do que você desenvolver pra ele, tá?

A gente tem alguns problemas porque ele nao está, porque ele está de férias… Mas muitos deles dão entrevista pra gente de onde eles estiverem. Se a gente ligar para a França, pra não sei onde eles dão, eles dão entrevista. Então, você vê que é um canal de duas mãos, um canal que está fluindo bem. E eu acho que a principal dificuldade é exatamente essa: quem começa, ou mesmo quem já está na trajetória e não gosta de fazer jornalismo científico. Porque não se adequa a ouvir o professor, a respeitar o trabalho que ele tem. Você tem que ter aquela paciência, porque ele é vaidoso, ele está com um filho. Muitos estão gestando uma criança e ele vai fazer essa criança crescer. É isso que eu enxergo uma matéria de divulgação científica, porque você tem que ter respeito pelo trabalho daquele professor, porque é um filho que ele gestou. É um filho que ele está criando, é um filho que ele está fazendo caminhar, né? E se a gente não encarar isso dessa forma, ele também não vai te respeitar. Então, é bem isso, vai ter aquela divisão que é o jornalista, que é o pesquisador e que é muito claro que é o jornalista de fora, né? Quando um veículo qualquer tem o correspondente dentro da Universidade é porque aquele cara soube chegar no professor, soube ter a confiança. Alguns desses correspondentes só resolvem questões administrativas, eles só falam de questões administrativas, né? E o assessor de imprensa às vezes sofre pra fazer com que o professor fale com essa pessoa. Porque eles tem medo do resultado do final. Eu fico dando voltas para falar, mas é bem isso mesmo. É você respeitar o professor.

Eu não tenho a experiência que você tem, mas durante o estágio eu senti que você tem que saber lidar com o entrevistado.

Eu fico feliz que você tenha percebido essa nuance do tratar o pesquisador. Eu fico feliz. Eu fico satisfeita de não achar que é uma coisa só minha, que é uma coisa que eu venho trabalhando sempre.

Bom, Cinderela, me fala como é a escolha de pautas? Como funciona a escolha para o Jornal da USP e para as matérias?

Em relação a escolher a pauta, nós temos as quatro editorias e nós quatro trabalhamos com a mesma matéria prima que é a USP. Então, nós tivemos que saber lidar com esses limites e com essas fronteiras até porque a gente precisava passar essas informações para as pessoas. As editorias são Universidade, Ciência, Cultura e Atualidades. Agora no tocante a

Atualidades, qual foi o meu mote? E um tanto quanto pretensioso, mas é mais ou menos o que a gente tem tentado fazer, tá? A USP explica o mundo. Então, eu pego o que tem de primeiras páginas ou o que está sendo discutido no cotidiano da cidades ou o que a gente vê no caminho até a redação e que a gente consegue explicar para as pessoas. Feito isso a gente vai escolher o pesquisador que trabalha nessa área para fazer a matéria. Então, de atualidade é assim que a gente faz. A gente mistura ciência e cotidiano a partir das pessoas, do que está acontecendo no mundo. Então, a gente repercute casos da Europa, dos EUA, da América do Sul, da África... Enfim, comportamento ou então meio ambiente. Tudo. E a gente usa o pesquisador, não como ciência usa, que é pegar e divulgar o resultado da pesquisa. A gente aproveita a pesquisa dele para falar o que não foi falado ainda nos outros veículos. Então, a gente vai dar um aprofundamento no tema a partir da Universidade. É assim que eu trabalho a pauta.

Você trabalhou fora USP? Como você vê a diferença do que é feito na USP e o que é feito fora dela?

Eu trabalhei fora da USP na Assessoria Imprensa da Secretaria Municipal de Transportes na central nervosa do trânsito em São Paulo. E eu pude ver esse outro lado da assessoria de imprensa. Agora, ver o que a gente faz na USP no tocante a rádio e ver fora é fácil. Pelos profissionais que eu trabalho que trabalharam na CBN, por exemplo, eles não estão preocupados com a profundidade, eles estão preocupados com o serviço. Então a matéria para eles tem que ter um serviço e não estão preocupados em passar uma profundidade, uma explicação do ponto de vista da Universidade, eles estão acostumados com outros tipos de matéria. Pelo menos esses que eu trabalho na rádio. É essa diferença que eu sinto neles. Por exemplo, eles não conseguem buscar uma fonte dentro da USP para repercutir um assunto, eles têm dificuldade. Eles preferem buscar fora, uma autoridade. “Ah, vamos falar da falta de água? Vamos falar com a Sabesp”. Não, não, vamos falar com o professor que é especialista em determinado nicho de estudo da água: “Ah, vamos falar sobre meio ambiente? Vamos falar com o Secretário do Meio Ambiente”. Não, vamos buscar um professor que tenha essa recorte. Então, essa diferença, o pensar a pauta a partir da USP. Nós não estamos falando com a autoridade daquele momento, estamos falando com o professor que pesquisou aquilo a vida inteira ou que tem um resultado naquilo. É assim que eu encaro.

E o que você acha que pode dificultar o entendimento do público leigo?

A gente volta na pergunta anterior, quando você consegue traduzir a pesquisa do professor e quando você consegue fazer um link com a realidade ou com o cotidiano, você tem que traduzir isso. E esse é um ruído, quando você não consegue chegar na pesquisa, não consegue entender o que o professor está falando. Você não teve a apuração ou aquele contato com o professor de forma que você conseguisse entender o que ele estava falando. Esse é um ruído, a apuração incorreta ou entregar a pauta sem entender.

Eu acho que é muito importante nesse eliminar ruídos, que aí independe da mídia que você está seja imprensa, áudio ou TV. É importante você se desprender dos seus conceitos, tá? Certa vez em uma matéria que a gente estava fazendo, o repórter fez a entrevista, um excelente texto, só que o que que acontece? Ele foi vestido com o que ele acreditava que era certo sobre aquilo. Ele de alguma forma fez o texto e colocou a aspas a pesquisadora baseado no que ele acreditava, aquilo criou um ruído muito grande, porque a pesquisadora ficou brava, ela culpou o veículo, a gente conversou, a ponto do repórter pedir uma desculpa mesmo. Porque ali tinha várias coisas envolvidas. Quando você vai com as suas concepções a respeito daquele assunto, você tem que entender que você não é você, é a pesquisa da pessoa. Você está colocando para os outros, para os leitores, para os ouvintes a pesquisa dele e não o que você acredita. O que você acredita é importante, mas não é aquilo que nós estamos trabalhando, o que nós estamos trabalhando é na pesquisa dele.

Como você vê o jornalismo praticado pela USP? Você disse sobre a questão da profundidade, mas como vê avalia os pontos fracos e fortes do jornalismo na rádio USP?

Na verdade, a gente está em um crescente desse trabalho, porque de três anos para cá nós sofremos uma mudança editorial. A gente trabalhava com mídias estanques. Então, era o Jornal da USP, revista Espaço Aberto, TV USP, Rádio USP, revista USP e USP Online. Todo mundo fazia divulgação científica. A rádio fazia muito programa e tinha um jornalismo, um jornal de manhã que 95% era cozinhar as matérias das primeiras páginas. Então, eles reescreviam e liam aquilo. E uma outra matéria, um evento que acontecesse ou alguma coisa que era pautada da administração, era isso que era feito.

De três anos pra cá, a gente está trabalhando com uma mudança de mentalidade, porque a gente mudou editorialmente o que era feito. Então a gente ainda encontra muita resistência, né? Mas eu vejo agora, três anos depois, que a gente está conseguindo produzir mais do que a gente produzia, por exemplo, há dois anos. Acho que a gente já tem claro o recorte da Rádio,

a gente já tem claro o recorte da editoria de atualidades. A gente lá na rádio faz matérias de universidade, a gente faz matéria de ciência, mas sempre deixando esses vieses claros. Eu acho que é um crescente. É um desafio.

E eu acho que a maior dificuldade hoje é mudar essa mentalidade, é fazer uma coisa diferente. Do ponto de vista da universidade, mostrar a universidade, mas com profissionalismo e clareza para que o leitor e o ouvinte saibam o que a gente está propondo com aquela matéria. Que é explicar, trazer a confiabilidade do nome USP. Esse nome é muito forte e a gente tem que ter respeito por ele. A gente tem que fazer isso muito bem feito. A divulgação científica pra mim é, em tudo que é feito, o mais difícil. É o mais difícil, mas é o mais prazeroso também.

Eu falei que era a última, mas eu tenho mais uma pergunta. Como você vê a integração entre São Paulo e Ribeirão Preto?

Eu vejo de uma forma muito positiva, porque todos mantêm a mesma ideia. Se fosse duas redações com pensamentos distintos seria muito difícil, mas não é. As redações se complementam. São Paulo e Ribeirão se complementam com as suas especificidades, Ribeirão um polo de saúde que agora tem a Faculdade de Economia e tal e as cabeças pensam e caminham para a mesma direção. A gente faz uma reunião de pauta por um telefone, que hoje a gente usa a tecnologia, e é tudo muito fácil. As matérias vão, as matérias vêm. As únicas dificuldades que a gente tem são técnicas ou por um pequeno relacionamento que é normal em qualquer lugar independentemente da distância. Mas a mentalidade é única. Então, eu vejo a integração cada vez mais afinada, cada vez mais redondinha. Está ótimo trabalhar com Ribeirão e só soma. E agora, estou partindo para que haja uma integração com os outros campis. É óbvio que vai ser diferente, porque não são da mesma superintendência, mas estão trabalhando em um conjunto Universidade. Então, o meu próximo passo agora é fazer reunião de pauta com esses campis. Já estou recebendo matérias desses jornalistas, pautando individualmente, mas a minha ideia é fazer uma integração algo em que a gente consiga trabalhar com todos os campis com todos os jornalistas. Repito, não vai ser como Ribeirão, porque a gente está sob o mesmo guarda-chuva que é a Superintendência. Mas eu não estou vendo dificuldade para trabalhar com isso não, eu acho que está sendo muito bom,

Entrevista 4

Thais Cardoso, jornalista do Instituto de Estudos Avançados Polo Ribeirão Preto da USP. Entrevista realizada no dia 5 de setembro por Giovanna Grepi por chamada de vídeo via WhatsApp.

Pra você qual é a importância de divulgar a ciência na rádio? Principalmente, estando dentro de uma Universidade?

Bom, minha florzinha, vamos lá. Sobre a importância da divulgação científica eu sempre penso o seguinte. Nós como uma universidade pública, a divulgação científica é uma forma de prestar contas para a população, porque afinal de contas o que mantém a universidade pública é o dinheiro que vem dos impostos. Então, pra gente que trabalha em uma universidade pública é fundamental divulgar o que os pesquisadores estão fazendo com esse dinheiro que é investido e de que forma isso está sendo revertido para a população. A questão da rádio, a universidade tem uma rádio. É muito importante, porque rádio é um veículo que tem uma difusão muito grande. É é muito fácil onde você estiver pra você ouvir. E você decodificar essa mensagem é muito fácil. Quer dizer, basta você ouvir, você não precisa ter essa capacidade de decodificação da leitura. Então, a rádio ela consegue alcançar um número maior de pessoas. Então, se eu tenho a necessidade de fazer uma divulgação do que está acontecendo dentro da universidade e tem uma rádio a disposição para fazer isso, então isso tem um alcance muito maior. E rádio tem aquela coisa, você pega uma cidade de médio porte como Ribeirão Preto e até mesmo se a gente for pensar no alcance da rádio lá em São Paulo, que é uma metrópole e praticamente uma megalópole. A gente acaba gastando muito tempo no deslocamento e o fato de você estar preso no trânsito, a unica coisa que te resta ali é ouvir rádio. Então, você acaba sintonizando em uma rádio como a Tádio USP e você acaba sabendo o que se passa dentro da Universidade, o que está sendo feito. Então, dessa forma, eu acho que pra Universidade é fundamental ter uma rádio.

Outra coisa importante em relação a divulgação científica que eu esqueci de colocar é que a partir do momento que você divulga as pesquisas da universidade você mostra como é importante a ciência na nossa vida. Você começa a mostrar para essa geração mais jovem a importância disso. Você começa a despertar um pouco do interesse, de repente a virem trabalhar com isso no futuro. De ter interesse, de procurar saber, de procurar se informar mais a respeito da ciência. Isso pode acabar revertendo talentos para a Universidade. Então, a divulgação científica na minha opinião tem essas duas vertentes. É a prestação de contas e

também uma forma de atrair talentos, fazendo aí uma retroalimentação se a gente for pensar. Atraindo talentos para a Universidade, trazendo mais alunos que vão virar pesquisadores.

Uma questão que você pontuou é que o rádio ele pode ser ouvido e fazer outras atividades ao mesmo tempo. A USP tomou a iniciativa de colocar os programas e as matérias no portal, como você vê o auxilia na tecnologia na comunicação?

Eu acho que a iniciativa de colocar os áudios no portal ela ajuda ampliar ainda mais o alcance da comunicação na Universidade. Porque você pode tanto seguir essa lógica de repente selecionar alguns áudios que eu quero, porque não é só colocar no portal. O mais importante é que a ferramenta te dá a possibilidade de fazer o download do áudio, isso é muito bacana. Porque antes só deixava ali no portal e você não conseguia baixar o áudio, não tinha graça. E hoje, quando você baixa o áudio no seu celular, vamos falar celular porque a gente acaba utilizando mais essa ferramenta, mas dá também para você baixar em um pen drive para você ouvir no carro. Enfim, outras formas de ouvir, mas quando você faz isso é muito comum você ver, eu pelo menos vejo muitos jovens hoje baixando muito podcasts, que é exatamente essa lógica: é você ter o arquivo de áudio ali, baixar e ouvir no momento que você está no trânsito, geralmente mais no deslocamento. Ou de repente, eu estou fazendo uma atividade física, eu estou na academia, fazendo qualquer outra coisa, eu consigo ouvir esse áudio também. Então, é muito importante essa iniciativa da Universidade. Ajuda a amplificar muito mais a mensagem que está sendo levada para o público. Então, a ideia é essa, espero que seja mantida nas próximas gestões da Superintendência de Comunicação. Eu acredito que eles vão acabar mantendo isso, porque na verdade é uma tendência, né Giovanna? A tecnologia está aí e a gente não escapa mais dela.

Quais são as particularidades de um texto produzido para Rádio com conteúdo científico? Como você vê isso na produção do USP Analisa?

Olha, minha flor, assim, o USP Analisa não é só fazer divulgação científica. Lógico que a gente acaba divulgando de uma certa forma a produção da Universidade, mas o foco do USP Analisa é pegar temas relevantes para a sociedade e discutir trazendo pesquisadores da Universidade, de outras universidades e de outras instituições. E às vezes até autoridades, enfim, outros especialistas que não estão na Universidade. Dentro do USP Analisa a gente não faz exclusivamente divulgação científica. Lógico que se você pegar todos os programas um ou outro, principalmente quando a gente falou um poucos dos CEPIDs, que são os centros

pesquisa, inovação e difusão financiados pela Fapesp, são projetos específicos da FAPESP em várias áreas. Nós fizemos alguns programa com coordenadores do CEPIDs, acabamos caindo na divulgação científica.

Vou te responder pensando de uma forma geral, em outros conteúdos que a gente acaba fazendo pra rádio. Não só pra rádio, a divulgação científica em qualquer meio é lembrar que quem está ouvindo a gente, recebendo essa mensagem, não é um especialista. Eventualmente vai ter um especialista no meio do público.

Uma vez nós discutimos neuromatemática, quase enlouqueci quando eu fiz uma pauta sobre esse tema, porque era uma coisa muito complexa. Sempre lembro o pesquisador: "olha, você está falando para um público geral, para um público que não tem conhecimento na área, então, assim, procure ser o mais claro possível, não usar tantos termos técnicos, mas se isso for imprescindível que faça uma explicação". Enfim, para que a população que não tem conhecimento na área consiga compreender, esse é um cuidado.

Nós mesmos, quando vamos preparar a pauta, precisamos ter o cuidado. Não gosto desse termo, mas tentar traduzir a linguagem do cientista para a população. Não gosto, porque não sei se é uma tradução, porque a gente acaba reescrevendo, fazendo uma nova mensagem a partir disso. E lembrar também que as pessoas estão fazendo outras atividades. É um pouco diferente da leitura, porque sua atenção está ali, nós temos que tentar prender a atenção do ouvinte, lógico, sem cair na questão do sensacionalismo. Um cuidado muito grande que temos que ter com a mensagem. Tentar mostrar que aquilo é importante você saber, isso é interessante, vai ter um reflexo para a sua vida, tentar trazer para mais próximo do público. Para a produção de rádio, mas para qualquer outro meio para a reprodução de divulgação científica.

A Rádio trabalha muito com o aprofundamento do tema com um especialista sobre o assunto para poder sanar as dúvidas e mostrar um pouco de embasamento teórico. Como você vê a realidade da USP?

Olha, eu acho fundamental a gente trazer especialistas, não só para esclarecer, mas muitas vezes para debater, porque lógico, a gente como jornalista sabe que não existe uma verdade única. Então, muitas vezes um tema tem dois, três, múltiplos lados. É importante debater isso no rádio. Lembro de um programa que a gente fez que foi sobre o estatuto do desarmamento. Um professor que tinha uma visão um pouco mais a favor e o outro que tinha algumas

ressalvas. Então, é importante até mostrar essa variedade de lados,a gente não tem só dois lados, tem vários pontos de vista a respeito de determinados temas.

A internet que é uma pluralidade de vozes, não tem só jornalista produzindo conteúdo, a gente como um detentor da verdade. Se a gente for analisar um jornalismo pré-tecnologia era um pouco assim, a imprensa tinha uma grande credibilidade porque o jornalista estava ali para trazer a verdade, pensava-se muito assim. Hoje não, tem a internet, qualquer um pode produzir um conteúdo, postar ali. Mas aquela coisa, será que é isso mesmo? será que é uma verdade? Quando trazemos um especialista, que entende daquele tema, é muito mais fácil da gente esclarecer dúvidas e mostrar o que realmente faz e não faz sentido em determinadas informações que a gente vê por aí. Eu acho que traz muita credibilidade.

Eu bato muito nisso. Em um outro projeto que eu dou apoio, o Ciência por aí, que é um portal de divulgação científica para jovens do CRID, que é um dos CEPIDs. Eu bato muito nisso, temos estudantes de graduação da Universidade produzindo conteúdo. Eu bato muito nessa tecla. Eu falo olha, é importante a gente trazer a voz de um especialista, porque se a gente for produzir informações de acordo com a internet, nesse caso específico a gente tem um conteúdo mais pesado na área de saúde. Por exemplo, você joga dieta dos pontos, joga um tema x e aparece uma vastidão de conteúdo e muitas vezes informações contraditórias. A gente fica pensando o que é verdade? O que não é verdade? De repente eu trago a voz de um especialista fica mais fácil, traz um pouco mais de luz, mas tem temas que vão virar um debate. É uma forma de estimular a população a pensar, a buscar mais informações, a entender mais sobre determinado tema.

Você comentou sobre o programa de neuromatemática, que foi complicado fazer a pauta, é um desafio? Quais são os outros desafios que você encontra?

Na verdade, eu não sou a única no programa, eu trabalho com o João Henrique que é analista de comunicação do IEA. Ele faz a parte de contato com os entrevistados, porque como eu cheguei em Ribeirão Preto… Sou funcionária USP há quase 7 anos, mas eu trabalhava no IEA em São CArlos. O IEA tem a matriz em São Paulo e tem os pólos em São Carlos e Ribeirão Preto. Eu pedi transferência pra cá, cheguei no começo do ano passado. Estava perdida, não tinha muitos contato e o João já estava produzindo o programa. Quem fazia a condução do programa era o Ferraz e a Rose fez alguns também. Ele faz a parte de contato para agendar e geralmente os temas vêm muito de eventos que o IEA realiza ou apoia. As vezes vem especialista de fora, como foi o caso da neuromatemática com o professor Antonio Galves,

veio para uma palestra. A gente aproveitou que ele veio para cá, a base é em São Paulo, e aproveitamos para a entrevista. Fizemos isso com outros também, a Mayana Zatz e a professora Ligia da Veiga Pereira. A gente aproveita esse pessoal.

Só para explicar um pouco da dinâmica do programa, tem outros temas que a gente enxerga como relevantes, por exemplo do estatuto do armamento, o de suicídio que vai entrar no final de setembro e para aproveitar o contexto do setembro amarelo gravamos um programa sobre esse tema. Quanto de eventos como de temas que são relevantes para a sociedade que estão sendo abordados pela mídia.

Sobre desafios, acho que é muito um pouco essa questão de você tentar entender um pouco daquele tema para conseguir montar uma pauta. É muito complicado para gente, porque viramos especialista em generalidades. Ouvi esse termo na faculdade e dei muita risada. Na hora que eu caí no mercado de trabalho eu entendi o porquê desse termo. Às vezes a gente tem que se debruçar sobre um tema que a gente nunca ouviu falar. Como foi meu caso, eu falei "gente, o que eu vou perguntar? O que é isso". Fui atrás e fui entender que é uma forma de aplicar a modelagem matemática, parte da estatística para entender alguns processos que acontecem dentro do cérebro. Tem uma forma de usar a matemática para entre aspas escrever isso aí e conseguir prever esses comportamentos do cérebro. Atuam muito na parte de Parkinson e Alzheimer, aplicam modelos matemáticos para estudar essa doença. Eu foquei muito, porque me chamou a atenção.

Tem esse desafio, porque você tem que entender mesmo que superficialmente. Lógico não vai virar um especialista só de buscar o tema na internet, mas tem que entender um pouco daquilo. E imaginar a partir do seu ponto de vista como cidadão o que as outras pessoas precisam entender sobre isso, quais vão ser as dúvidas sobre isso e montar uma pauta de perguntas. E no nosso caso tem a questão do tempo. Eu brinco que o estúdio de rádio é uma cápsula do tempo. Eu comecei produzindo 10 perguntas, hoje eu faço uma média de 7. E você tem duas realidades, porque tem entrevistado que fala demais e outros que falam de menos. Então, você tem que prever como será a entrevista. Imaginar se ele vai falar mais, vai te abrir possibilidades ou se fala menos. É um pouco complicado e a gente às vezes não conhece o entrevistado.

Uma coisa é entrevistar a Mayana Zatz, porque já vi outras entrevistas com ela, já conheço sobre o que ela fala, como ela fala. Outra é entrevistar um professor de um departamento escondidinho da filô, que eu não conheço, mas que fala sobre um tema interessante que eu

preciso abordar, que eu preciso falar sobre isso. Tem essa questão do perfil do entrevistado também.

E a questão do tempo, no nosso caso são 30 minutos, mas como é o caso de vocês que produziam as matérias mais pontuais com limite. Às vezes 30 minutos é pouco tempo, por isso pegamos os programas da região metropolitana, porque tem muitas abordagens, criamos uma série de programas. Gravamos 5 programas e tem mais um pra gravar. É o tempo, é o perfil do entrevistado, é você entender o tema. Quando você começa a pensar um pouco sobre a produção a gente pensa que é tirar leite de pedra, que é matar um leão por dia… mas é mais ou menos essa a ideia.

Como você e o João trabalham a pauta. É um pouco de evento e pauta, vocês trabalham com pautas mais quentes também? Como vocês organizam isso?

Então, é como eu te falei esse mix dos eventos com coisas do cotidiano. O que acontece no nosso caso é que temos um pouco mais de dificuldade, porque não podemos trabalhar com temas tão quentes, porque ao contrário do caso de vocês que produzem materiais hoje pra entrar amanhã, vocês tem muito esse prazo menor.

Como nosso programa é semanal e às vezes nosso programa não vai ao ar. Por exemplo, essa semana estamos na semana do 7 de setembro, sexta não tem expediente na Rádio e ele não vai ao ar aqui, ele está com 3 horários de exibição. Sexta-feira ao meio dia para Rádio USP Ribeirão, quarta às 9 da noite entra Ribeirão Preto e São Paulo. Neste ano a gente ganhou o horário de domingo às 11h30 da manhã nas duas cidades. Você vê que é um público diferente, porque quem ouve rádio meio dia não é necessariamente quem ouve 9 da noite. Pega estratos diferentes da sociedade. A gente tem essa questão de tomar cuidado para não pegar temas tão quentes. Uma coisa que tá pegando fogo essa semana, mas semana que vem não está sendo tão discutida. Fazemos uma dosagem, deixar coisa no meio termo. “Olha, é um tema que está sendo discutido e é importante, mas se eu abordar daqui um mês ainda vai ser relevante?”. Vai muito da gente conversar, como trabalhamos no mesmo espaço, nós conversamos bastante, vai um pouco da gente trocar uma ideia e sentir um pouco isso. E temos um intercâmbio com a própria rádio, não estamos no mesmo espaço físico, mas a gente tem bastante contato com a Rose. Eventualmente ela traz temas também, coisas que passou por vocês e que ela sente que dá pra aprofundar mais, ela joga a bola. A gente chama outro especialista, dá uma outra abordagem para o tema, tem essa sinergia muito legal ali.

A gente tem contato com outros jornalistas da USP também. Tem o Eduardo do CTC, que é do CEPID, eventualmente traz algo interessante também. A gente tem contato com outras unidades, como São Carlos. Eu venho de lá, então, eu tenho conhecimento de especialistas de lá, tem a Denise que é jornalista lá também. Às vezes traz uma ideia legal pra gente. Tem esse intercâmbio.

Essa questão de eventos, a gente tem o Paint of Science, que é aquele evento feito uma vez por ano em nível nacional. A gente leva pesquisadores para falar em bares. Então, a gente faz um intercâmbio legal com São Carlos, palestras que foram realizadas lá ano passado que deu uma repercussão boa, a gente traz pra cá. Um especialista pra cá, levo pra rádio. Tem esse intercâmbio entre os profissionais. É basicamente isso que a gente faz.

Então, esse esquema a gente trabalha tanto com as pautas quentes, com a nossa limitação por ser um programa semanal, que não as vezes não vai ar na sexta, e essa questão dos especiais é um pouco nova.

A região metropolitana é o primeiro tema que vamos abordar como especial. Agora vamos medir, sentar com a Rose, vamos ver como foi a repercussão disso. Não temos como medir na Rádio, porque infelizmente não temos verba pra contratar a pesquisa IBOPE, mas a gente consegue medir nas redes sociais e nos downloads, no acesso ao site. Conseguimos ter uma ideia se isso foi um tema legal, se as pessoas comentaram, enfim, se vale colocar uma série por semestre, por ano. Vamos dar uma analisada para ver quais são os frutos dessa iniciativa. Particularmente, acho uma ideia legal, te dá um fôlego maior e dá para prender o ouvinte, por que ele ouve, gosta e ele sabe que semana que vem a gente vai dar continuidade. é um convite para que ele continue acompanhando na Rádio. Acho uma ideia bacana.

E o que você enxerga da rádio como ponto forte e fraco?

Olha, flor, assim. A gente tem um problema muito grande que se chama pessoal. Infelizmente, isso não é um problema da rádio, é um problema da universidade. Recentemente, com essa coisa da gente estar vivendo uma crise financeira, enfim, não sei até que ponto realmente isso é uma crise. Tenho minhas dúvidas, mas não cabe a gente discutir isso aqui. Mas a verdade é que com isso acabou limitando a contratação, na verdade, não limitando, simplesmente hoje a universidade não contrata mais funcionários. E você tem gente que está saindo, gente que prestou outros concursos foi embora da universidade, gente que se aposentou, gente que saiu no plano de demissão voluntária, nos dois planos que teve nos últimos anos. Com isso a gente está com um déficit muito grande de profissionais. Uma rádio pede uma produção muito

grande, principalmente se você quer um jornalismo de qualidade, se você quer abordar adequadamente o que é desenvolvido na universidade, as pesquisas, os eventos, o que você tem pra comunidade. Você quer abordar tudo isso e ainda propor um debate no rádio, sabe? Levar conteúdo de qualidade para as pessoas, você tem que ter profissional e não é qualquer profissional não, você tem que ter profissional qualificado. E hoje, primeiro que a gente não consegue atrair pessoas qualificadas e segundo não tem vaga, não abre concurso. Então, esse é um problema muito grande.

Fazer a rádio andar como ela tá andando com estagiários, lógico, é bacana porque vocês trazem sangue novo, com sangue os olhos que a gente fala, que quer aprender, que quer entender e que tem um pouco dessa visão romântica do jornalismo. Isso é muito gostoso quando a gente está na universidade, a gente pensa que pode salvar o mundo, mas não é bem assim. Mas isso é bacana, mas o que acontece, por mais que o estagiário tenha força de vontade, que queira aprender, ele não está preparado para assumir aquilo, uma tarefa tão árdua, tão grande quanto essa, uma coisa é você ter gente ali para aprender com quem ta fazendo a produção. Isso eu acho eu acho legal. Agora, da forma que a gente está hoje na rádio, a maior parte da produção está sendo colocada sob os ombros dos estagiários. Isso é mto complicado, sabe?

Acho que esse é um problema muito grande que a gente enfrenta. Lógico, é uma tábua de salvação, foi o que sobrou, foi o recurso que a gente tinha para produzir o tanto de conteúdo que a gente precisa para manter uma rádio, mas não é a forma mais adequada. Eu acho assim que a Rádio ainda não é a menina dos olhos da universidade, infelizmente, acho que falta valorizar um pouco mais esse veículo. As últimas gestões, a última gestão especificamente, focou nessa questão de unificar as vozes. Realmente, a gente tinha muitos veículos na Universidade, tinha agência que às vezes acabava fazendo a mesma coisa que o Jornal, enfim. Foi legal essa coisa de unir essas vozes, mas acho que nessa brincadeira a rádio acabou perdendo um pouco de espaço, para Jornal da USP. Mas enfim, tem uma parte boa que acabou compartilhando um pouco o conteúdo, hoje, você vê muita coisa que é produzida para o jornal e que acaba virando pauta para a rádio. Tanto em termos de pesquisa, quanto de eventos, enfim.

O que mais eu poderia te colocar? Outra coisa também que falta um pouco de planejamento, um pouco de planejamento de conteúdo. Eu acho que assim, nao da pra gente chegar e falar "ah, a culpa é do pessoal que está lá". Poxa, a gente vê, pelo menos em Ribeirão Preto, a gente vê como a Rose rala para manter a equipe unida, é um esforço hercúleo. A gente faz o que a

gente pode, mas eu acho que falta um pouco mais de planejamento de conteúdo e falta também investimento. Essa questão que eu citei, a gente não tem uma métrica para saber qual é o alcance da Rádio, quem tá ouvindo esses programas? A gente não tem uma pesquisa para saber quem é o nosso ouvinte. Se a gente não sabe quem é o nosso ouvinte, como é que a gente vai produzir conteúdo para ele. Então, a gente cai nessa questão de burocracia, de ter que cortar gasto. Enfim, não tem uma linha no seu orçamento para você contratar um serviço estilo IBOPE para papear um pouco a audiência da Rádio. Eu acho que a gente peca um pouco por isso ai também, a gente não consegue fazer planejamento, porque a gente não sabe muito bem qual é o perfil desse ouvinte, se a nossa mensagem está sendo eficaz. Eu acho um pouco disso. Você acaba fazendo isso meio via site, via redes sociais, mas não é o ideal, porque o que você mede do site e das redes sociais, a gente está falando de outro veiculo.

Uma coisa que esqueci de perguntar é a relação entre jornalista e pesquisadores. Qual é a sua experiência nesse sentido?

É, essa é uma questão bem delicada e é bem importante mesmo a gente falar um pouquinho sobre isso. É muito variável, Giovanna. Porque assim, por exemplo, para o USP Analisa, abordando essa questão mais específica da Rádio. Eu não tenho tanta dificuldade com eles, eu acho que vem para entrevista de rádio é um pouquinho mais aberto. Pelo menos essa é a sensação que eu tenho.

Eu também dou suporte no CRID. Lá eu sinto sim um pouco de dificuldade. Lógico, se a gente comparar de 10 anos pra cá, vou pegar um pouquinho do tempo que eu estou na Universidade. O pessoal está um pouco mais aberto a divulgar suas pesquisas, eles entendem que eles precisam colocar isso numa linguagem acessível, eles entendem a importância de divulgar as pesquisas. Isso de uma forma geral, mas a gente ainda enfrenta problemas, o pesquisador ainda tem dificuldade em transformar o conteúdo dele, a explicação sobre o que ele está pesquisando. Passar isso para uma linguagem um pouco mais acessível à população. Então, por exemplo, quando eu vou produzir textos de divulgação sobre artigos científicos publicados pelo CRID eu tenho dificuldade. Primeiro que lógico, é uma coisa um pouco mais técnica. Inclusive, até essa semana foi objeto de comentários entre a Rose e eu. Eu mandei um texto para ela e ela comentou que estava muito técnico. E eu falei "Rose, esse texto foi e voltou para o pesquisador várias vezes". Por mais que eu explique: "Olha, a gente tem que colocar de uma forma que o público entenda", acaba vindo um pouco de linguagem técnica. E é aquela coisa, né? Vai da postura da gente, a Rose bate o pé, devolve para o pesquisador, tal,

eu sou um pouco mais aquele perfil menos agressivo. Então, isso me complica um pouco. Eu preciso ser um pouquinho mais agressiva. O jornalista precisa, não é nem ser agressivo, mas é ser um pouco mais incisivo, exigir um pouco mais do pesquisador. Explicar melhor que não tem como, a população não vai entender a real importância do seu trabalho se você não falar a língua dela. Então, a gente enfrenta um pouco de dificuldade, mas assim a coisa está melhorando de uma forma geral, os pesquisadores estão mais conscientes. E eu percebo muito assim, esses problemas são mais com professores da velha guarda, galera que está na faixa dos seus 50, 60 anos, que está quase na porta da aposentadoria. Se você pegar mestrando, doutorandos eles têm uma cabeça mais voltada para divulgação. Tanto que você vê muitas iniciativas de divulgação científica, tanto em podcasts, canal do Youtube, em blogs, enfim, n possibilidades, sendo feitas por esses pesquisadores mais jovens. Então, alunos de doutorado, mestrado, pós-doc, ou mesmo docentes de uma geração mais próxima da minha, perto dos 35 anos. Até iniciativas de evento, galera que abraça o Paint of Science é uma galera que está na faixa ai dos 20 e poucos, 30 anos. Estão com o olhar mais voltado para divulgação. E de uma divulgação não de forma técnica, mas de uma forma que a população compreenda. Então é assim, a gente não enfrenta dificuldades. Acho que a gente vai conseguir ficar mais próximo da linguagem da sociedade. Espero. Resta esperar como vai ser.

Você já trabalhou em outros locais antes do jornalismo científico?

Então minha flor, eu não senti tanto essa transição, porque eu passei pouco tempo no hard news, eu trabalhei em um jornal impresso em São José do Rio Preto e fui passando por assessorias de comunicação. Aliás, nas assessorias de comunicação a gente entende um pouco da necessidade de conectar com o cliente e de entender as necessidades dele, entender a linguagem que ele falar. Então, quando eu vim para a universidade rolou uma imersão, como eu não fazia tanto rádio. Eu vim para trabalhar em São Carlos em um projeto de divulgação científica para jovens. Eu tive um pouco mais de dificuldade para a linguagem do jovem do que para a divulgação científica. Eu já tinha trabalhado um pouco também com medicina veterinária, com revisão de periódicos científicos da área. Eu fui assessora no Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo. Então, eu acabei tendo um pouco de contato com professores da área, inclusive da própria USP. Acabei um pouquinho, sem querer, pegando um pouco dessa parte, dessa linguagem, do jornalismo científico. E mais assim, eu acredito que é um desafio que o profissional enfrenta. pq você cai em um ambiente totalmente novo, você está acostumado a falar de coisas mais gerais que você não tem que se

aprofundar, que não tem que se preocupar com o nível de entendimento do seu público, com o nível de linguagem do seu entrevistado, porque na verdade no hard news todo mundo fala de igual para igual. Mas se você trabalha de repente com economia, você tem que explicar um pouco melhor alguns termos. Mas o geral, assim, caderno de cotidiano da Folha de São Paulo, a gente não tem tanta essa preocupação. E era a área que eu atuava. Mas é um desafio interessante. Acho que o profissional de jornalismo tem que se reinventar o tempo todo, não pode ficar parado, mesmo a gente dentro da universidade, a gente também. Falam "Ah! Vocês são funcionários públicos", mas mesmo assim a gente não pode parar, a gente tem que se atualizar o tempo todo. Ler muito, fazer cursos e estar antenado para o que está acontecendo no mundo da comunicação para a gente trazer essas ferramentas novas para a comunidade também. Poder levar as informações de uma forma que o público entenda e que consiga consumir.

Entrevista 4

José Pedrosa Ferraz Junior, jornalista da Superintendência de Comunicação Social Polo Ribeirão Preto da USP.

Entrevista realizada no dia 6 de agosto de 2018 por Giovanna Grepi, via ligação telefônica.

Qual é a importância de divulgar a ciência, dentro da universidade, principalmente estando entre uma das melhores universidades do mundo?

É fundamental, sabendo que a Universidade de São Paulo, a USP, é uma universidade pública, a gente divulgar os trabalhos científico que são realizados lá dentro para toda a comunidade a gente está contribuindo para a interface. Como se a gente estivesse fazendo uma prestação de contas, dando satisfação para a sociedade que, é quem no final das contas mantém as universidades públicas em São Paulo. No caso da USP, é fundamental atuar no meio de campo entre a atividade acadêmica com os resultados de pesquisa e a sociedade. Informar a sociedade o que a universidade está pesquisando, descobrindo, é muito importante isso.

Qual é a diferença entre o texto jornalístico que traz a ciência e o jornalismo das hardnews? Quais são as particularidades deste texto?

Então, neste sentido, nosso maior desafio é traduzir a linguagem acadêmica para a linguagem popular, coloquial, acessível, no caso da Rádio USP, ao ouvinte, que normalmente é leigo no

assunto que está sempre tratado. Então, a dificuldade maior é você traduzir sem perder a essência da pesquisa em si. É muito difícil isso, porque as vezes você lida com termos estritamente técnicos, nomes científicos, você não vai traduzir o nome científico. Enfim, mas a arte desse jornalismo é você traduzir a linguagem acadêmica para a linguagem coloquial para que o ouvinte da rádio possa entender do que se trata o assunto sendo leigo, sem perder a essência da própria pesquisa é um desafio diário e é isso que torna o jornalismo científico estritamente interessante. Além de você lidar naturalmente com a notícia da pesquisa que está saindo ali em primeira mão, isso é bem bacana.

Quais são os desafios de você explicar uma nova pesquisa ou falar sobre ciência usando apenas o recurso da voz? E quais são os desafios do texto para o rádio?

A dificuldade maior mesmo é a compreensão da pesquisa, do resultado da pesquisa e traduzir isso para a linguagem simples e sucinta, resumida, que a gente consiga passar a mensagem principal daquela pesquisa, bem clara, bem simples.

No dia a dia da rádio, como vocês selecionam as pautas?

A gente além de divulgar as coisas da universidade no sentido de prestação de contas, do que ela faz para a sociedade, a gente também busca informações que sejam de interesse do público ouvinte. Que possam despertar o interesse do público ouvinte. Essa ´´e a prioridade. E eventos artísticos que são gratuitos, eventos esportivos que são gratuitos, que possam trazer o interesse das pessoas, levar as pessoas até o campus da USP. Então, as prioridades são essas. Em primeiro lugar divulgar atividades científicas e segundo buscar aquelas informações que são mais de interesse, que a gente pode entender como sendo do interesse da sociedade.

E quanto a relação entre o jornalista e o pesquisador? Tem muito embate ou é tranquilo?

Olha é uma relação, já foi mais conflituosa, hoje é mais tranquila. Porque os professores, os pesquisadores entendem a necessidade da divulgação para a comunidade leiga do que se faz. E outra, foi mais conflituosa porque a USP tinha muitos pesquisadores da velha guarda, com a mentalidade mais hermética, mais fechada. Agora, o que predomina é essa nova leva de docentes que entraram na Universidade, tem a cabeça mais aberta e entendem que é fundamental a interface com a comunidade. Eles captam bem a filosofia da própria universidade de fomentar a interface com a comunidade, com a sociedade. Com essa nova

leva de docentes, pesquisadores, é mais fácil a relação. Eles entendem a importância de você traduzir para uma linguagem mais simples, mas o pessoal da velha guarda ainda é um pouco mais resistente. Mas isso está acabando, acho que na medida que o tempo passa a gente está conseguindo mostrar a importância de ter uma linguagem mais simples para as pessoas entenderam, e que isso não é uma heresia. Não faz que a pesquisa feita no laboratório, pesquisa academia, uma heresia, pelo contrario. Hoje está bem bacana, está bem tranquilo.

Quais são os pontos fortes do jornalismo científico na Rádio USP e os pontos fracos?
Não vejo pontos fracos. Os fortes são aquilo que a gente comentou. Traduzir para o público leigo muitas vezes em primeira mão as pesquisas produzidas na USP e, com isso, atender a uma demanda de interface entre a Universidade e a sociedade.

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÕES

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Rosmeire Aparecida Soares Talamoni, abaixo assinado(a), autorizo Giovanna Grepi, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: "Jornalismo científico: estudo de caso da Rádio USP em Ribeirão Preto' e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli.

Ribeirão Preto, 06 de novembro de 2018 .

Talamoni

Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Maria Aparecida Silva Blasques abaixo assinado(a), autorizo Giovanna Grepi, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: "Jornalismo científico: estudo de caso da Rádio USP em Ribeirão Preto' e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli. ,

Ribeirão Preto, 06 de novembro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu _____,
abaixo assinado(a), autorizo Giovanna Grepi, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: "Jornalismo cientifico: estudo de caso da Rádio USP em Ribeirão Preto' e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli.

Ribeirão Preto, 23 de novembro de 2018 .

_____
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu Thais Pedroso Cardoso,
abaixo assinado(a), autorizo Giovanna Grepi, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: "Jornalismo científico: estudo de caso da Rádio USP em Ribeirão Preto' e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli.

Ribeirão Preto, 6 de novembro de 2018 .

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu José Pedrosa Ferraz Junior,
abaixo assinado(a), autorizo Giovanna Grepi, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: "Jornalismo científico: estudo de caso da Rádio USP em Ribeirão Preto' e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli.

Ribeirão Preto, 7 de Novembro de 2018 .

Assinatura do entrevistado